



Departamento de Sociologia

O Lugar do Livro na Era Digital

André Filipe Moutinho Cristóvão

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Professora Doutora Patrícia Ávila, Professor Auxiliar
Instituto Superior Ciências Trabalho e da Empresa

Co-orientador:

Professor Doutor José Soares Neves, Professor Auxiliar Convidado
Instituto Superior Ciências Trabalho e da Empresa

Setembro, 2013



Departamento de Sociologia

O Lugar do Livro na Era Digital

André Filipe Moutinho Cristóvão

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Professora Doutora Patrícia Ávila, Professor Auxiliar
Instituto Superior Ciências Trabalho e da Empresa

Co-orientador:

Professor Doutor José Soares Neves, Professor Auxiliar Convidado
Instituto Superior Ciências Trabalho e da Empresa

Setembro, 2013

AGRADECIMENTOS

Para a realização desta dissertação vários foram as pessoas que deram o seu contributo, quer tenha sido através de colaboração directa na realização da mesma, quer tenha sido através de incentivos e apoio moral, venho por isso agradecer a todos eles pelo seu contributo.

Em primeiro lugar, e porque são aqueles que me são mais próximos, queria agradecer à minha família, meus pais, irmão e cunhada, e aos meus amigos pelo apoio prestado e sobretudo pela compreensão nas muitas ausências que este trabalho me obrigou.

Em segundo lugar, aos meus orientadores Patrícia Ávila e José Soares Neves pela disponibilidade demonstrada, assim como os importantes conselhos que me foram dando à medida que ia realizando a minha dissertação.

Por fim também uma palavra de apreço pelos agentes do sector do livro pela disponibilidade demonstrada na realização de entrevistas, essenciais na pesquisa.

A todos aqueles que referi anteriormente, o meu sincero obrigado.

RESUMO

A realização deste trabalho teve por finalidade identificar o lugar que ocupa o livro, na sua versão impressa, nesta era digital, sobretudo com a emergência do e-book, enquanto versão digital do livro, podendo ser ou não o seu substituto. Para efeitos de pesquisa foram questionados escritores, editores e bibliotecários sobre as suas perspectivas e expectativas sobre o assunto, mas foram também convidados a se colocarem no papel de leitores e tentarem identificar a forma como esses leitores olham para essas mudanças, de que forma estes se estão a adaptar. Foram também abordados os variados desafios que se colocam ao sector do livro e a situação do mesmo em Portugal.

Palavras-chave: livro; e-book; era digital; leitura digital; escrita digital; leitores.

ABSTRACT

This study had the purpose to identify the place that holds the book, in its printed version, in this digital age, especially with the emergence of the e-book, while the digital version of the book, and may or may not be his replacement. For the purposes of research were questioned writers, editors and librarians about their prospects and expectations on the subject, but were also invited to put themselves in the role of readers and try to identify how these readers look for these changes, how they are adapting. Were also addressed the various challenges facing the book sector and the situation the same in Portugal.

Keywords: book; e-book; the digital age; digital readout; digital writing; readers.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	2
1.1 – Um pouco de história.....	3
1.2 – Um sector em mudança.....	4
1.3 – O fim do livro ou a complementaridade de formatos.....	7
1.4 – Novas práticas e competências de leitura.....	10
1.5 – Bibliotecas híbridas.....	13
1.6 – Modelo de Análise.....	14
1.7 – Objectivos.....	15
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	17
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	20
3.1 – Os desafios que se colocam à indústria do livro.....	20
3.2 – A possibilidade de mudança de suporte de leitura e as vantagens e desvantagens do e-book e do livro impresso.....	22
3.3 – Mudanças nos tipos de leitura.....	26
3.4 – A situação em Portugal.....	29
3.5 – O escritor na era digital.....	31
3.6 – O futuro da edição.....	32
3.7 – A biblioteca na era digital.....	33
CAPÍTULO 4 – CONCLUSÕES.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	40
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

A evolução dos meios digitais tem vindo a provocar alterações em várias dimensões da vida humana e a sua adopção tem dado origem a transformações na forma como as pessoas se relacionam com o mundo. Assistimos hoje a mudanças em áreas diversificadas como a economia, a ciência, a cultura ou o ensino, as quais resultam da utilização de meios digitais nesses ambientes e têm vindo a alterar os processos inerentes aos mesmos.

O sector do livro também tem vindo a registar alterações no seu modo de funcionamento, fruto do uso de sistemas digitais. De facto, o aparecimento de meios digitais e a sua introdução no sector do livro têm vindo a provocar alterações que vão desde a forma como se produz o livro até à possibilidade de substituição deste, enquanto objecto físico e material, por um novo suporte, em versão digital, o e-book.

Este trabalho visa identificar quais as implicações que as alterações, na produção, distribuição e comercialização dos livros e mesmo na forma como se lê, vêm modificar a actuação dos intervenientes no círculo que rodeia a produção e distribuição de livros, quais os desafios que se colocam aos actores desse sector e também verificar a possibilidade de nos encontrarmos num momento de viragem histórico para o sector do livro, cujos efeitos possam ter paralelismo com o que ocorreu no final da Idade Média com o aparecimento da Imprensa, o qual veio a contribuir para a rápida difusão de livros, tornando-os mais acessíveis a camadas mais diversificadas da sociedade e, conseqüentemente, o aumento do número de utilizadores. Tendo em conta que este não é um processo uniforme, que varia de país para país, de região para região, importa também verificar o ponto da situação, a este respeito, em Portugal.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A procura de novos meios e ferramentas para a solução de problemas quotidianos tem caracterizado a evolução da humanidade ao longo da sua história, diferenciando-a de outras espécies pela sua arte e engenho. Inovar e novidade são dois termos hoje bastante actuais, constituindo palavras-chave numa era em que a tecnologia se encontra bastante desenvolvida, e na qual surgem ideias e produtos novos a uma velocidade extraordinária, que obriga o ser humano a viver de forma intensa para assim conseguir responder aos novos desafios que se lhes colocam diariamente. Este progresso tecnológico tem tido assim reflexo na vida das pessoas, na forma como se relacionam umas com as outras, na sua saúde e no seu conforto, na forma como comunicam entre si e na forma como trabalham.

Enquanto resultado do progresso tecnológico, os sistemas digitais têm vindo a revolucionar a forma como comunicamos, seja na televisão, no cinema ou na música. Também os livros e o meio que rodeia a sua produção e difusão estão a sofrer alterações com a introdução de sistemas digitais, verificando-se o aparecimento, em formato digital, de um novo suporte de leitura de texto, que vêm concorrer ou complementar a oferta do livro tradicional. Importa por isso, por razões de clareza textual, estabelecer a utilização do termo *livro* como o suporte físico de leitura, enquanto utilizaremos o termo *e-book* para a versão digital dos livros.

Para melhor compreender o fenómeno em estudo, interessa compreender alguns dos pontos-chave da evolução do livro até ao presente, como as transformações decorrentes da invenção da imprensa, assim como as transformações que hoje ocorrem e que obrigam a mudanças quer nas editoras, obrigando a alteração de funções, assim como a adopção de novas estratégias, na forma como lemos, certamente diferente daquela que os nossos avós praticavam. As transformações levam-nos a questionar se o livro impresso estará condenado a desaparecer, sendo substituído pelo e-book. Dada a complexidade do fenómeno, uma possível resposta a essa pergunta é também ela de extrema dificuldade, visto este ser relativamente recente.

1.1 – Um pouco de história

O formato de livro impresso que conhecemos nos nossos dias é já fruto de uma evolução tecnológica numa demanda do Homem por perpetuar o conhecimento. Ao longo da história a humanidade foi desenvolvendo formas de eternizar esse seu conhecimento, desde as primeiras gravuras na pedra do homem primitivo, até à escrita digital actual. A invenção da escrita veio a constituir um meio revolucionário nessa ambição, não só porque veio ajudar a perpetuar o conhecimento, como também contribuiu para o surgimento de sociedades mais complexas e organizadas que tinham na escrita um meio de organização social, mas também comercial: «o mais provável é que a escrita tenha sido inventada por razões comerciais, para registar o facto de um certo número de cabeças de gado pertencer a determinada família ou o seu transporte ter sido feito para um dado lugar» (Manguel, 1996: 186).

A difusão da palavra escrita teve vários formatos ao longo da história. Se nos seus primórdios esta era difundida através de tabuinhas de barro, mais tarde os rolos de papiro ou pergaminho constituíram o principal meio de transmissão de textos escritos. No entanto, fruto das necessidades de manuseamento e de armazenamento de maior quantidade de informação, «entre o século I e II d.C. até finais do século IV; a passagem do rolo para o códice consistiu num dos maiores progressos da cultura» (Faria & Pericão, 2008: 267-268). Segundo Manguel, o códice permitia não só uma maior capacidade de armazenamento da informação, assim como uma melhor organização da mesma, facilitando-lhe o acesso. No entanto, o acesso a essa informação encontrava-se ainda limitado a pequenos grupos sociais, situação essa que era sustentada por dois factores cruciais: em primeiro lugar a aprendizagem da leitura encontrou-se, durante alguns séculos sob a alçada da Igreja, o que fez com que praticamente só os seus membros, e alguns senhores mais abastados, tivessem acesso à leitura; por outro lado, os livros existentes, assim como qualquer tipo de documento escrito existente, eram manuscritos, feitos sob a pena e o punho do homem, factor esse que encarecia o processo de fabricação de livros, assim como este era um processo bastante moroso.

Perante um cenário como o descrito anteriormente, a invenção da Imprensa veio constituir uma revolução na edição e difusão de livros, permitindo a sua aquisição por camadas mais desfavorecidas da sociedade, uma vez que os custos de produção dos mesmos baixaram significativamente. A Imprensa veio também contribuir para o aumento de produção da indústria livreira, tendo como vantagem o facto de se conseguir reproduzir um maior número de exemplares de um livro, num menor tempo e a custos reduzidos:

«tanto na antiga Roma como no início da Idade Média, as livrarias e papelarias tinham produzido livros como mercadorias, mas o alto custo e o ritmo lento da sua produção impunham aos leitores uma sensação de privilégio na posse de algo singular. Depois de

Gutenberg, pela primeira vez na História, centenas de leitores eram proprietários de exemplares idênticos do mesmo livro e, até o leitor imprimir num volume a sua marca pessoal e uma história própria, o livro lido por alguém em Madrid era o mesmo que outra pessoa lia em Montpellier» (Manguel, 1996: 147).

Segundo o mesmo autor, o que se verificou foi sobretudo uma desvalorização do livro enquanto objecto de posse, mas acessível a um número maior de pessoas.

Será que na actualidade encontramos-nos perante uma transformação semelhante à ocorrida no final da Idade Média, com a introdução da Imprensa? O desenvolvimento tecnológico das últimas décadas no campo das tecnologias da informação, a criação de novas formas de armazenamento de informação, de acesso mais rápido, como são os sistemas digitais tem também vindo a alterar o meio que rodeia o livro. A digitalização de livros e o aparecimento de e-books veio permitir, segundo Furtado (2012), um acesso mais rápido à informação neles contida, possibilitando ao consumidor aceder apenas aos conteúdos do seu interesse, não tendo para o efeito que consultar a obra no seu todo, mas sim o fragmento que contém essa informação. Por seu turno, Cavallo e Chartier (1997), defendem que os meios electrónicos vêm alterar a noção de contexto «substituindo a continuidade física entre textos presentes num mesmo objecto, a sua posição e distribuição por arquitecturas lógicas» (Cavallo & Chartier, 1997: 35). Todo este processo é agora feito a maior velocidade do que anteriormente. Podemos assim inferir que um dos principais aspectos revolucionários dos sistemas digitais é a velocidade, não sendo contudo um factor limitador, embora de extrema importância, em toda esta revolução, é também acompanhada por mudanças na forma como acedemos e no uso que fazemos dessa informação.

1.2 – Um sector em mudança

O sector editorial tem vindo a sofrer as consequências da adopção do uso de sistemas digitais, à semelhança do que vem acontecendo com outros sectores, vendo-se obrigado a proceder mudanças na sua forma de actuação, de maneira a melhor responder aos novos desafios que se lhe colocam.

O principal desafio que é colocado ao sector editorial é o aparecimento de um novo produto, o e-book, e que representa, por um lado, a versão digital do livro tradicional, mas também vem permitir a interacção com o som e a imagem. O e-book não teve inicialmente uma grande aceitação por parte do público leitor. As condições de leitura dos primeiros e-books não contribuíam para a atracção de utilizadores para esta nova tecnologia, assim como a oferta de dispositivos de leitura era escassa. No entanto, esta situação tem vindo a alterar-se

e, nos últimos anos, quer a oferta de dispositivos de leitura, quer o número de leitores de e-books tem vindo a aumentar consideravelmente. A confirmar essa mudança, recentemente foram noticiados, através dos meios de comunicação, dois factores que, embora não possam ser considerados como vinculativos, são dados que apontam para uma mudança de panorama no sector editorial. Em primeiro lugar, em Maio de 2011 a Amazon.com anuncia, através de uma nota de imprensa, que pela primeira vez se regista uma ultrapassagem de vendas de e-books em relação aos livros impressos (Amazon, 2012), segundo dados da própria Amazon.com, por cada cem livros impressos vendidos, esta companhia vendia agora cento e cinco e-books, embora estes dados sejam indicativos de uma mudança, não deixam de ter limitações, visto tratarem-se dados fornecidos por uma companhia que opera via internet, cujos clientes são indivíduos bastante familiarizados com os meios digitais e que, em teoria, terão tendência para a aquisição de livros em formato digital. Em segundo lugar, em Março de 2012, conforme noticiado na edição online do periódico *i* (Pinto, 2012), a companhia responsável pela publicação da Enciclopédia Britânica anuncia que esta deixará de ser impressa em papel, passados 244 anos do seu lançamento. Esta decisão está relacionada, segundo o anúncio, com o facto de os seus produtos se venderem cada vez mais em formato digital. Embora não produzam prova essencial de mudança no sector editorial, estes anúncios não deixam de revelar que algo está a mudar e que os intervenientes do meio estão a movimentar-se por forma a adaptarem-se ao advento do digital.

A introdução de sistemas digitais no sector do livro tem vindo a obrigar alguns desses intervenientes a redefinirem as suas funções. Em primeiro lugar, as funções do editor têm vindo a sofrer alterações nos últimos tempos, assim:

«a criação de conteúdo, a sua gestão e distribuição e a capacidade de criar novos serviços estão a tornar-se requisitos críticos para os editores. A abordagem à gestão de conteúdo tem de caminhar no sentido de a estratégia dos editores residir, cada vez mais, na criação dinâmica de produtos geradores de retorno rápido, independentemente do tipo de activo digital ou do canal de distribuição» (Furtado, 2008: 250-251).

Deste modo, as funções dos editores não se limitam apenas à mediação de conteúdos, mas são hoje também responsáveis por tornar o produto mais atractivo ao público, sendo também responsáveis pela apresentação das obras, mas também pela definição e alargamento dos canais de transmissão das mesmas. O editor do século XXI tem de ser sobretudo um gestor de activos capaz de gerar valor, mas também como realça José Afonso Furtado, de antecipar a descoberta de conteúdos e a forma como estes são usados: «permitindo aos detentores de conteúdos a sua exploração e distribuição de modo cada vez mais imaginativo e conferindo ao

consumidor o benefício de aceder a catálogos de arquivos materiais até então inexplorados» (Furtado, 2008: 226). É, segundo o mesmo autor, neste meio que o editor vai actuar, tendo por principais funções criar e adoptar estratégias capazes de responder às necessidades crescentes de um público leitor que, em função do contacto com as novas tecnologias, se vem tornando progressivamente exigente na procura de novos conteúdos, assim como ambiciona um acesso mais rápido à informação.

A introdução de sistemas digitais no sector do livro tem também vindo a ameaçar a sobrevivência de algumas profissões ligadas ao sector, como é o caso dos livreiros, que fruto de um aumento do comércio de livros via internet, vêm diminuindo o seu espaço de manobra, sendo que a sua actividade, num ambiente de compra e venda de livros puramente digital, torna-se desadequada, a necessitar de uma redefinição de funções, na medida em que tal cenário não implica a troca física de mercadorias.

A velocidade de trabalho constitui também um factor de mudança no sector editorial, na medida em que os actores do meio são constantemente confrontados com a necessidade de agilizarem os seus métodos de trabalho, por forma a responder aos constantes desafios colocados por uma sociedade ávida de informação, que busca essa informação a uma velocidade vertiginosa e que se tem vindo a tornar cada vez mais exigente nessa sua busca.

Os novos sistemas digitais vieram também modificar a forma como os livros são produzidos. Estes sistemas traduziram-se em melhorias em vários aspectos relacionados com o grafismo dos livros, com o armazenamento de informação relativa aos mesmos, que estando agora guardada em suportes digitais, possibilita um acesso mais fácil e rápido à mesma, assim como facilita a introdução de possíveis alterações ao conteúdo que sejam necessárias. O facto de a informação ser agora armazenada em formatos digitais facilita o processo de impressão de livros, visto estes estarem agora guardados digitalmente, facilitando também a elaboração de futuras edições. No entanto, a digitalização de livros apresenta alguns inconvenientes e a necessidade de melhoria em certos aspectos. Assim os sistemas digitais:

«vieram agilizar a produção (melhorando a pré-impressão e o acesso à informação), mas que abriram frentes de vulnerabilidade (ao multiplicarem os riscos do facilitismo), ao mesmo tempo que passaram a ser fontes de exigência (ao imporem profissionais mais especializados) porque “a informática é mais difícil de gerir”» (Martins, 2005: 313).

O grande desafio que se impõe ao sector editorial consiste no aproveitamento das vantagens dos sistemas digitais, como a facilidade e a velocidade no acesso à informação, na melhoria da oferta dos seus conteúdos, elevando o seu grau de exigência de qualidade dos seus produtos. Ao sector editorial impõe-se também a necessidade de não descurar as

preferências dos seus públicos, não pondo de parte a utilização de nenhum dos formatos, uma vez que o público é heterogéneo, cabendo por isso ao sector editorial apresentar soluções que satisfaçam as diferentes necessidades das pessoas.

Segundo Garcia, Díaz e Arévalo (2011), outro dos desafios que se coloca ao sector editorial está relacionado com o facto de os sistemas digitais facilitarem a proliferação da pirataria, banalizando a difusão de cópias ilegais de livros na internet, ou através de outros canais, sem respeitar os direitos de autor inerentes à obra. Esta pirataria é responsável por perdas económicas significativas no sector editorial, razão pela qual urge ao mesmo trabalhar junto das autoridades competentes na busca de regulação que vise combater essa prática e reduzir os seus efeitos, por forma a tornar rentável e viável, em sentido comercial, a publicação em formato digital.

1.3 – O fim do livro impresso ou a complementaridade de formatos

O surgimento do e-book, com vantagens claras de acesso à informação, especialmente em meios como o académico que requerem o tratamento de grandes volumes de informação num curto espaço de tempo, assim como a importância que este tem vindo a ganhar nos últimos anos, podem querer indicar que o formato tradicional de livro em papel poderá estar condenado ao desaparecimento. Esta seria pelo menos uma dedução lógica de mercado, substituindo um produto já existente por outro novo, o qual tornaria o primeiro obsoleto e desactualizado. Mas poderemos considerar o livro um produto obsoleto e desactualizado? Será que o e-book vem substituir o livro nas suas valências? Estas questões indicam-nos em primeiro lugar que o processo de substituição de livros por e-books não constitui um facto consumado, do mesmo modo que não temos também a certeza que essa substituição seja possível. Existem contudo alguns sinais de que algo está a mudar, quer pelo aumento das vendas de e-books e respectivos dispositivos de leitura (Rainie et al, 2012), assim como pela adopção de formatos digitais em publicações que anteriormente privilegiavam o uso do papel, com é o exemplo da Enciclopédia Britânica (Pinto, 2012).

Embora a invenção dos e-books não seja propriamente recente, o Projecto Gutenberg, por exemplo, foi fundado em 1971, só recentemente vieram a ganhar relevo num sector até então dominado por formatos tradicionais impressos em papel. De facto, embora a invenção de e-books ocorra em pleno século XX, a sua distribuição e aceitação pelo público não é relevante

nas primeiras décadas deste novo media. No entanto, a partir da segunda metade da primeira década do século XXI, ocorre uma viragem, com origem num aumento considerável da oferta de dispositivos de leitura, a preços mais acessíveis, mas também através da disponibilização de aplicações que permitem a leitura de livros nos mais variados dispositivos, desde os e-readers aos tablets, dos computadores pessoais aos telemóveis (Rainie et al, 2012). Este aumento na oferta de dispositivos de leitura veio proporcionar um aumento considerável nas vendas de e-books, segundo informação prestada por alguns operadores do mercado. Esta informação, embora importante, apresenta limitações relacionadas com o facto de ser uma companhia que usa a Internet como mercado, estando por isso os seus clientes familiarizados com os meios digitais e melhor qualificados para o uso de novas tecnologias. Outro dado curioso refere-se ao período de Natal de 2011 e é-nos fornecido pelo Pew Internet, num estudo de Janeiro de 2012, segundo o qual a venda de tablets e e-readers quase que duplicou no referido período, passando dos 10% de americanos adultos que adquiriram estes produtos para os 19% (Rainie, 2012: 2). Os dados referidos anteriormente não reflectem contudo a totalidade do fenómeno, na medida em que se confinam a um determinado tipo de clientes e, no segundo caso a uma determinada população, no caso os Estados Unidos. Compare-se então com os dados do inquérito *Sociedade em rede 2012*, segundo os quais a leitura ou download de livros na internet representava cerca de 13,3% das respostas dos inquiridos (Cardoso et al, 2012: 21).

A importância do livro impresso é muitas vezes associada à literatura e à prática de leitura de textos literários, como o romance, segundo o argumento de que este exige um nível maior de concentração nos textos, geralmente bastante longos, que necessitam da parte do seu leitor uma capacidade de interpretação e uma dedicação temporal intensa. O e-book vem inovar ao oferecer uma série de outros argumentos, como a possibilidade de interagir a leitura da obra com o visionamento de imagens relacionadas com a mesma, que, segundo Maria Augusta Babo, embora favoreçam uma leitura mais rápida, podem descurar a interpretação da mesma, privilegiando uma leitura mais virada para a imagem literal das obras, em vez de contribuir para decifrar o conteúdo destas.

«Será preciso lembrar que o conceito de interactividade, ligado ao aparecimento do hipertexto e do texto electrónico, é um conceito que designa a actividade do leitor mais do ponto de vista das decisões de leitura do que do ponto de vista interpretativo» (Babo, 2012: 93).

Ou seja, o e-book vem oferecer maior escolha ao leitor em termos de formatos de leitura, mas até que ponto esta oferta é positiva, se, por outro lado, o leitor vê-se confrontado com a necessidade de decidir mais rapidamente o que ler no seu interesse, podendo deixar escapar

pormenores que uma leitura mais cuidada e pormenorizada permitiria notar. Isto pode levar a situações às quais o leitor não segue a sua a leitura em função da narrativa mas de trechos da mesma, não realizando assim uma leitura linear das obras, praticando uma leitura mais fragmentada:

«a interactividade não coloca necessariamente em causa a configuração narrativa e a sua coesão, mas aparece como que do lado de fora da narrativa, numa zona exterior onde é possível delinear percursos narrativos, isto é, conjuntos de articulações temporais e causais» (Babo, 2012: 95).

Como já pudemos verificar, o e-book torna-se um formato de leitura com vantagens no acesso rápido à informação, na interacção com outros formatos como seja a visualização de imagens ou os audiobooks, mas também pela sua portabilidade e economia no armazenamento. Podemos guardar centenas de livros num único dispositivo de leitura e transportá-los para qualquer lado, enquanto no formato de papel o armazenamento de uma quantidade semelhante de livros implicaria uma ocupação de espaço físico bastante considerável, e a deslocação destes recursos seria bastante mais difícil. O e-book pode ser vantajoso ao facilitar a leitura de trechos de textos, possibilitando saltar de uns para os outros de uma forma mais prática, permitindo uma maior ligação entre textos de interesse comum para o leitor, considerando-se mesmo que, num ambiente digital como aquele que nos rodeia, a leitura alternada de textos seja uma necessidade (Hayles, 2010). Por outro lado, o uso de dispositivos electrónicos pode proporcionar vantagens em termos ambientais, através da poupança do abate de árvores essenciais para o fabrico de papel. Embora a poupança de papel possa representar uma valorização em termos ambientais, os gastos energéticos no acto de leitura e na fabricação dos seus dispositivos pode não trazer assim tantas vantagens para o meio ambiente, sendo este um ponto que carece de melhor ponderação.

Além disso, os preços ainda elevados dos dispositivos de leitura assim como a pouca durabilidade dos mesmos constituem desvantagens inequívocas dos e-books em relação ao seu parente impresso, principalmente se a nossa ambição for registar e perpetuar a informação. Ao armazenarmos uma série de e-books nos mais variados dispositivos, sabemos de antemão que a posse destes livros está limitada ao tempo de vida dos dispositivos de armazenamento e leitura. Aliás a necessidade de possuir um dispositivo de leitura, constitui por si só uma desvantagem do e-book, visto que limita a aquisição de obras a formatos compatíveis com o dispositivo de leitura, assim como a actualização de aplicações. A questão dos direitos de autor e da pirataria informática constituem também desafios para os distribuidores de e-book; se no primeiro caso a legislação em muitos países carece de

adaptação às novas realidades digitais, a pirataria informática constitui uma ameaça à sobrevivência da própria indústria do livro.

Por sua vez o livro impresso apresenta-se vantajoso se quisermos oferecer como lembrança em ocasiões especiais. Mas a grande vantagem do livro sobre o e-book está ligada a uma certa ideia de posse como fonte de poder, inerente ao facto de possuir em si a palavra escrita, a qual:

«não é uma actividade natural da vida humana e, durante largo tempo, foi bem mais uma arte, um conhecimento profissional, do que um saber de base, separando os homens e opondo os que sabiam cifrar e decifrar aos que disso eram incapazes. Enquanto técnica, a escrita esteve durante dois milénios ao serviço do poder» (Furtado, 2012: 26-27).

A associação de posse ao poder constitui um argumento a favor do livro impresso em função de uma eventual necessidade táctil do ser humano, de retirar algum prazer no manuseamento de um objecto físico, levando a que «os formatos essenciais – aqueles que permitem ao leitor sentir o peso físico do conhecimento, o esplendor de vastas ilustrações ou o prazer de andar com um livro ou de o levar para a cama – esses permanecem» (Manguel, 1996: 157).

O aumento dos níveis de leitura digital, assim como das vendas de e-books, está também ele relacionado com o maior uso da Internet registado nos últimos anos (Cull, 2011). O acesso à rede por um crescente número de indivíduos em todo o mundo tem contribuído para a criação de novas oportunidades nos mais variados sectores, desde a economia à cultura, da ciência à religião. Esta explosão de influência da Internet nos nossos dias está também a provocar alterações no sector do livro com a abertura a novos mercados, assim como a possibilidade de as vendas se realizarem online, sem exigir a presença física de vendedor e de comprador. Neste ambiente proporcionado pela Internet, um novo tipo de produto, acessível em qualquer ponto do globo, como são os e-books, torna-se num produto bastante apetecível para os utilizadores das novas tecnologias (Garcia, Díaz & Arévalo, 2011).

1.4 – Novas práticas e competências de leitura

A introdução de formatos digitais tem vindo a transformar as práticas de leitura, na medida em que estas não se realizam do mesmo modo no registo digital, em relação ao que se pratica no registo físico, ou pelo menos o enfoque do processo de leitura está a mudar, como demonstra Heyles (2010). Se a leitura de livros em formato papel exigia sobretudo a concentração do leitor no texto, pelo menos em certas disciplinas, como os estudos literários,

como dá conta a mesma autora, que privilegiam a prática do *Close Reading*, enquanto que no formato digital esta é uma leitura sobretudo hipertextual, permitindo a interação entre textos, passando de uns para os outros de forma a associar as ideias neles contidas, este é também um tipo de leitura à qual o design e a imagem estão associados e desempenham um papel importante, sendo a ilustração e animação de textos digitais uma prática cada vez mais comum, na tentativa de facilitar o processo de leitura.

A leitura digital obriga contudo a repensar as competências de literacia, no sentido de adequá-las aos novos tempos e desafios que a era digital tem vindo a proporcionar. Uma noção de literacia baseada apenas em acções de ler, escrever e contar não se adequa aos tempos que hoje vivemos. O aparecimento de formatos digitais obrigam à aquisição de novas competências no campo da informática que permitam ao utilizador das novas tecnologias de informação trabalhar com estas de forma a dar respostas aos novos desafios que lhes são colocados. Não basta por isso saber ler, escrever e contar. A sociedade actual é bastante mais complexa do que isso, é hoje exigido ao Homem que saiba trabalhar com a máquina, sob pena de se ver ultrapassado pelas gerações mais jovens que:

«representam a primeira geração a crescer com as novas tecnologias: passaram toda a sua vida rodeados por e a usar computadores, jogos de vídeo, leitores de música digital, câmaras de vídeo, telemóveis e todos os outros brinquedos e instrumentos da era digital. Assim, jogos de computador, o correio electrónico, a Internet, os telemóveis e o *instant messaging* constituem parte integrante das suas vidas» (Furtado, 2012: 177).

O que emerge aqui é a necessidade de redefinição das competências de literacia, mais adequadas ao uso das novas tecnologias e que permita adoptar novos métodos de ensino e aprendizagem que visem a aquisição de competências ao longo da vida, de acordo com o uso de novas tecnologias de informação, não descurando as competências de literacia tradicionais, as quais ganham mesmo importância num mundo onde a informação corre a grande velocidade e onde a capacidade de decifrar grandes fluxos de informação é cada vez mais essencial:

«as novas literacias associadas à utilização das tecnologias de informação e comunicação não representam um corte com o passado: o antigo e o novo interagem de modos complexos, produzindo práticas híbridas. (...) no novo ambiente das tecnologias de informação e comunicação a tradicional literacia do impresso ganha mesmo uma acrescida importância no ciber mundo mediado por computador, na medida em que se torna necessário trabalhar com, e examinar criticamente, enormes quantidades de informação, conferindo uma renovada ênfase ao desenvolvimento de competências de leitura e de escrita» (Furtado, 2012: 221-222).

Um dos possíveis problemas deste novo tipo de leitura prende-se, como já foi referido anteriormente, com dificuldades de focalização e concentração nos textos, como refere Heyles (2010). Este problema está relacionado com a oferta múltipla de informação proporcionada pelo ambiente digital, a qual produz uma possibilidade de leituras variadas por parte do utilizador, o que o leva a procurar novos estímulos, podendo acabar por dar privilégio à leitura de textos mais pequenos e de menor extensão, como artigos de jornais, *blogs* ou *feeds* de notícias em redes sociais. Esta ideia é também corroborada por Ziming Liu, que estabelece diferenças de leitura em função do suporte usado. Para este autor:

«ler um livro impresso é diferente de ler num ecrã de computador. A leitura de materiais impressos provoca menos distração do que a leitura online. Isso significa que muita gente procura digitais, mas quando precisam de aprofundar a leitura do documento, preferem imprimir o mesmo» (Liu, 2006: 587).

Também Patrícia Ávila dá conta de alterações na forma como lemos actualmente, dando relevo à influência que o uso das tecnologias da informação tem nesse processo, sobretudo junto das gerações mais novas:

«Na multiplicidade de suportes actualmente disponíveis para a leitura, as tecnologias da informação e comunicação assumem uma importância cada vez maior. O universo cultural dos jovens (e não só) implica cada vez mais relações interactivas com máquinas [...] Nas actuais sociedades, que temos vindo a designar do conhecimento e da informação, o ritmo de circulação e o volume da informação multiplicaram-se, o que conduz necessariamente a um consumo mais fragmentado, ou seja, à prática do *time sharing* ou do *zapping* » (Ávila, 2006: 90).

Estas alterações vêm dar origem a sociedades estruturadas com base no conhecimento e na informação, como a autora nos relata mais à frente, nas quais a aquisição de competências operatórias que permitam o acesso a essas tecnologias constitui uma condição cada vez mais importante para o dia-a-dia das pessoas. Isto indica que a aquisição de competências para o uso de tecnologias da informação constitui hoje uma condição de integração social, visto que:

«É neste contexto social, impregnado pela informação e pelo conhecimento, que as competências operatórias se tornam competências-chave. E é por referência às sociedades actuais que essas mesmas competências tendem a tornar-se um suporte fundamental para outros tipos de competências. Com efeito, bastará pensar no modo como a escrita impregna hoje todas as dimensões da vida social, e na sua forte presença num número cada vez mais alargado de contextos, para que nos interroguemos em que medida os indivíduos desprovidos de competências operatórias poderão defender os seus interesses, agir com autonomia e com distanciamento reflexivo» (Ávila, 2006: 132).

1.5 – Bibliotecas híbridas

Enquanto guardião de conhecimento, cujo livro é o centro da sua actividade, também a Biblioteca tem vindo a adequar-se às novas transformações proporcionadas pelos meios digitais. Em primeiro lugar, o acesso à informação sobre as obras do catálogo das bibliotecas é agora bastante facilitado em virtude desta se encontrar informatizada. No entanto, o aparecimento de bibliotecas digitais pode vir a ameaçar a viabilidade das bibliotecas físicas e o próprio papel dos bibliotecários, como nos dá conta Liu (2006).

Segundo Liu (2006), a introdução de sistemas digitais nas bibliotecas veio alterar a forma como os seus utentes se relacionam com a instituição, estando disponíveis em rede as referências bibliográficas, facilitando o acesso às obras, diminuindo assim o tempo de pesquisa. Também o aparecimento de bibliotecas digitais veio alterar a forma como os utentes encaram a biblioteca, uma vez que esta oferece vantagens como o acesso vinte e quatro horas por dia, e a possibilidade de múltiplos utilizadores para um único recurso, as quais não vêm abranger algumas das valências das bibliotecas tradicionais, como por exemplo a possibilidade de busca presencial, de solicitar ajuda de um técnico especializado ou de desfrutar de um local de aprendizagem comum a vários utilizadores.

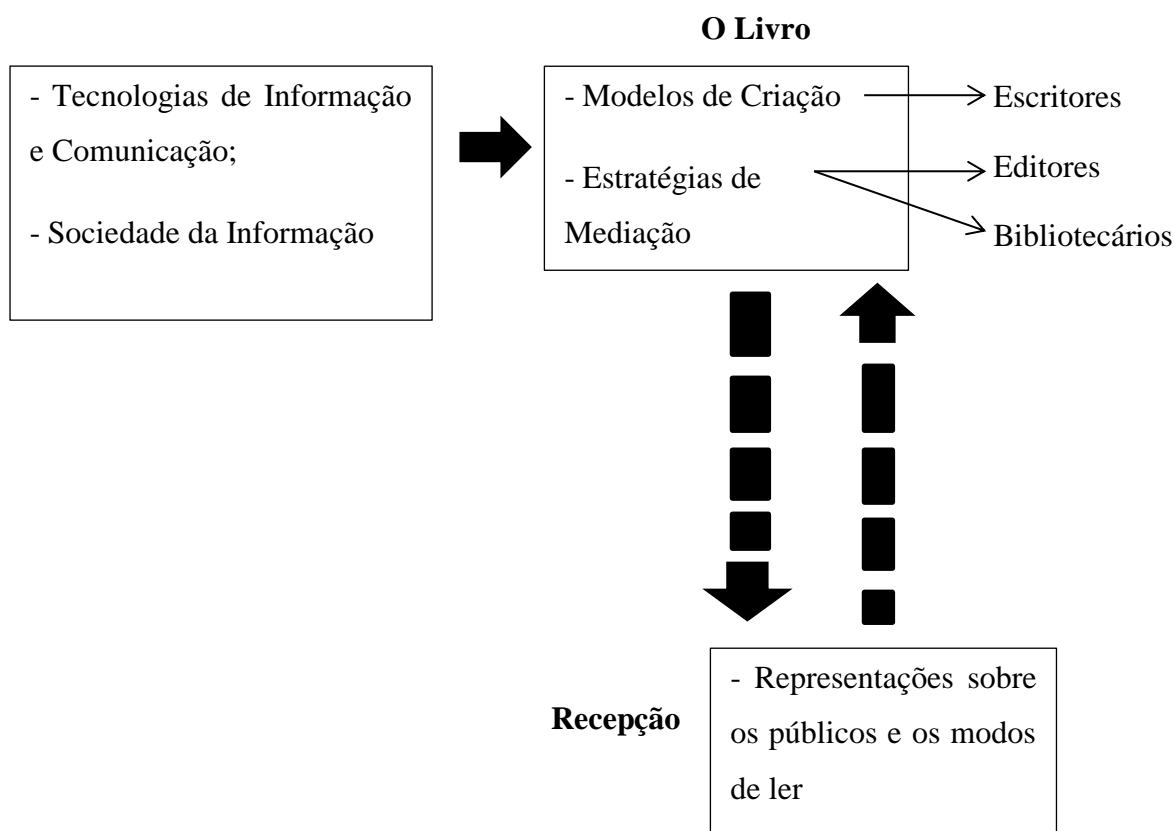
A grande novidade introduzida pelos meios digitais prende-se com o aparecimento de bibliotecas híbridas na qual os seus utentes podem desfrutar das vantagens de aceder a bibliotecas digitais, bem como podem requerer os serviços presenciais de um bibliotecário na orientação da sua pesquisa. Este facto traduz-se na necessidade das bibliotecas em «incorporar o livro electrónico como mais um elemento do serviço bibliotecário» (Garcia, Díaz & Arévalo, 2011: 242). Podemos pois inferir que este tipo de biblioteca vem dar resposta a variados tipos de públicos de bibliotecas, correspondendo às suas necessidades diversificadas, uma vez que «o que está em causa não é morte do livro ou o fim das bibliotecas, mas sim o reposicionamento da leitura enquanto prática cultural no contexto da emergência da “sociedade da informação”» (Ventura, 2002: 53). A importância das bibliotecas híbridas é também referida por Liu (2006):

«Os utilizadores desejam uma informação híbrida, na qual a informação online não ultrapasse a informação impressa, mas adicione novos acessos e oportunidades de escolha aos utilizadores. As bibliotecas digitais e tradicionais têm as suas vantagens e limitações, satisfazem as necessidades de informação dos utilizadores em circunstâncias diferentes. Cada uma desempenha papéis diferentes e cada um responde a diferentes necessidades dos utilizadores de diferentes formas» (Liu, 2006: 590).

Deste modo o modelo de biblioteca híbrida permite responder a diferentes necessidades, sem implicar, para o efeito o desaparecimento de qualquer modelo de biblioteca.

1.6 – Modelo de Análise

Livro nas Sociedades Contemporâneas (Informação / Conhecimento)



A realização deste trabalho terá como finalidade enquadrar o livro nas sociedades contemporâneas, as quais se caracterizam por serem sociedades de informação e de conhecimento, onde a difusão e posse das mesmas constitui um factor essencial do funcionamento dessas sociedades. Para esse efeito, veremos de que forma as alterações,

decorrentes da introdução de tecnologias de informação e comunicação, assim como o facto de vivermos numa sociedade na qual a informação desempenha um papel de grande relevo, têm vindo a influir na criação de novos conteúdos, assim como na forma como os intervenientes no sector do livro se têm vindo a adaptar ao advento do digital. Para esse efeito, é de extrema importância a opinião de intervenientes no sector do livro, através da realização de entrevistas a três dos grupos profissionais ligados a esse sector. Em primeiro lugar, há que ter em conta a opinião dos escritores, na medida em que são estes que criam os conteúdos. Em segundo lugar, importa também ter em conta a opinião daqueles que nos levam a conhecer os livros, seja no papel de editores ou no de bibliotecários, são eles que, enquanto mediadores nos conduzem e orientam no acesso aos livros.

Na análise deste fenómeno seria também importante considerar a visão que nos é dada do campo da recepção, principalmente numa altura em que dados vindos do exterior parecem querer indicar uma possível mudança de suporte de leitura de livros, do papel para o digital (Rainie et al., 2012). No entanto, questões de tempo e espaço não tornam possível a realização de uma análise mais profunda do fenómeno do lado da recepção. Razão pela qual, através da opinião dos entrevistados, tentaremos representar, ainda que de forma indirecta, a percepção que têm aos públicos assim como dar conta da sua visão quanto às eventuais alterações em curso nas formas de ler.

1.7 – Objectivos

Importa agora especificar quais os objectivos que proponho nesta pesquisa:

1. *Identificar as mudanças e desafios que a indústria do livro enfrenta, fruto dos constantes desenvolvimentos das Tecnologias da Informação.* Ou seja, perceber as transformações que os sistemas digitais têm obrigado os atores desse ramo de actividade a efectuar.
2. *Identificar, tendo em conta as vantagens e desvantagens do e-book versus livro impresso, a forma como os atores do meio encaram essas mudanças.* O que aqui

se questiona é a possibilidade de substituição de um formato por outro, segundo a visão dos atores do meio sobre este fenómeno.

3. *Compreender as possíveis implicações do uso de novas tecnologias de informação nos modos de leitura e de escrita.* O aparecimento de escrita digital está a mudar a forma como lemos e escrevemos hoje, importando por isso assinalar a visão dos intervenientes no sector do livro sobre este fenómeno.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização deste estudo é qualitativa, visando conhecer a opinião de profissionais do sector do livro sobre um fenómeno que tem vindo a afectar os seus modos de trabalhar. A pesquisa visa a recolha de testemunhos junto desses profissionais de forma a identificar desafios e oportunidades que o aparecimento e o recente aumento das suas vendas de e-books tem vindo a colocar a esses mesmos profissionais.

A escolha da entrevista como método de recolha de dados está relacionada com a possibilidade que esta nos oferece de contactarmos directamente com alguns dos agentes do sector do livro e daí recolher o seu ponto de vista sobre o fenómeno em estudo, permitindo assim que o entrevistado exprima «as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências» (Quivy & Campenhoudt, 2008: 192). Tendo como objectivo conhecer a opinião dos profissionais do sector do livro, a forma como encaram esse fenómeno e os desafios com que se deparam, as entrevistas realizadas com este fim têm que ter em conta a análise própria dos entrevistados, sem no entanto fugir aos objectivos propostos pela investigação. Para esse efeito optou-se pela realização de entrevistas semidirectivas, partindo de um guião pré-estabelecido, permitindo ao entrevistado «falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier» (Quivy & Campenhoudt, 2008: 192).

Na realização desta pesquisa foram por isso definidos três grupos¹, ligados ao sector do livro, sobre os quais incidem as entrevistas:

- Escritores;
- Editores;
- Bibliotecários.

Para esse efeito foi criado um guião de entrevista no qual são abordadas diferentes questões sobre o lugar do livro na era digital. Em virtude dos diferentes tipos de entrevistados, o mesmo guião foi dividido em questões de âmbito geral e em questões mais específica em função do papel do entrevistado. Deste modo, no âmbito geral abordaram-se questões como:

- Os desafios que se colocam à indústria do livro;

¹ Foram entrevistados três escritores: Fernando Pinto do Amaral, Domingos Amaral e Nuno Júdice; três editores: Ângelo Rodrigues, Vasco Silva e André Letria; seis bibliotecários: António Navarro, Helena Patrício, Carla Justino, Madalena Mira, Fernando Vajá e Andreia Sousa.

- A possibilidade de mudança de suporte de leitura e as vantagens e desvantagens do livro sobre o e-book e o seu contrário;
- As mudanças nos tipos de leitura;
- A situação em Portugal.

Num âmbito mais específico, foi questionado aos escritores a sua visão sobre os e-books e a possibilidade de publicar nesse formato. Aos editores sobre o seu papel perante as novas tecnologias e qual a estratégia que a editora tem vindo a adoptar para se adaptar. E por fim aos bibliotecários, perguntou-se qual a natureza da sua profissão nesta era e de que forma a sua instituição se tem adaptado ao digital.

O quadro que se segue pretende fazer a caracterização dos entrevistados, estando no entanto ordenado por ordem da realização das mesmas.

	DATA	PROFISSÃO	INSTITUIÇÃO
1	27/02/2013	Editor	Editora
2	28/02/2013	Editor	Editora
3	01/04/2013	Editor	Editora
4	28/02/2013	Escritor	_____
5	01/03/2013	Escritor	_____
6	13/03/2013	Escritor	_____
7	28/02/2013	Bibliotecário	Biblioteca Municipal
8	08/03/2013	Bibliotecário	Biblioteca Municipal
9	01/03/2013	Bibliotecário	Biblioteca Nacional
10	11/03/2013	Bibliotecário	Biblioteca Universitária
11	14/03/2013	Bibliotecário	Biblioteca Universitária
12	15/03/2013	Bibliotecário	Biblioteca Universitária

Por forma a melhor compreender o panorama actual, a análise de alguns estudos nacionais, como por exemplo Cardoso et al. (2012), Lopes e Antunes (2001) ou Neves et al

(2012), virados para o panorama nacional, assim como Liu (2006), Rainie (2012) ou Zickuhr et al (2012), etc., podem contribuir para a realização de um desenho mais próximo da realidade a analisar, assim como na concretização dos objectivos a que me proponho.

A escolha desta metodologia prende-se sobretudo com a necessidade de perceber os movimentos, as acções e reacções de alguns profissionais do sector do livro em relação ao aparecimento e proliferação dos suportes digitais, bem como identificar a forma como estes apercebem a reacção dos públicos e os novos desafios com que se deparam.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

No presente capítulo procederemos à análise das entrevistas realizadas a profissionais do sector do livro, os quais identifiquei anteriormente. Deste modo, o tratamento da informação será enquadrado conforme os temas abordados. Assim, num primeiro momento, abordarei os desafios que se colocam à indústria do livro nesta era digital; em segundo lugar, identificarei a possibilidade de uma mudança de suporte de leitura e quais as vantagens e desvantagens do livro sobre o e-book e o seu inverso; em terceiro lugar, as possíveis mudanças nos tipos de leitura praticados; em quarto lugar; identificar qual a situação do nosso país, que transformações estão a ocorrer no sector do livro em Portugal. Estes quatro primeiros pontos correspondem a questões de âmbito geral colocadas aos entrevistados, no entanto, face aos diferentes papéis desempenhados pelos entrevistados, haverá espaço para um quinto ponto, no qual serão analisadas as suas opiniões sobre o fenómeno, assim como a forma como se colocam profissionalmente sobre o mesmo.

3.1 – Os desafios que se colocam à indústria do livro

O aparecimento de sistemas digitais, impulsionado pela expansão da internet, tem vindo a colocar variados desafios ao sector do livro. Um dos grandes desafios colocados prende-se com a possibilidade de o livro em formato papel poder vir a desaparecer, sendo substituído pela sua versão em digital, o e-book. Esta é ainda uma possibilidade bastante remota, diria mesmo de difícil concretização, e que divide alguns actores. Esta será uma questão explorada mais profundamente no ponto seguinte, mas há que destacar desde já a opinião de editores, que demonstram uma certa noção de mudança, embora que esta ocorra de forma lenta:

«O livro está de pedra e cal ainda, mas a pressão das novas gerações e da tecnologia levará a uma mudança de paradigma para o digital.» (E1, Editor).

«Está-se a assistir mais que uma mudança de suporte, vamos tendencialmente substituir o suporte de papel pelos suportes digitais (...) Pode ocorrer uma mudança de paradigma que nos pode conduzir a caminhos ainda não previsíveis.» (E3, Editor).

Estas opiniões indicam-nos que os sistemas digitais estão a produzir mudanças no sector do livro, com o aumento do uso desses sistemas, tornando a oferta de suportes de leitura bastante

diversificada, o que obriga a repensar estratégias quer na criação, quer na divulgação de livros. Este facto indicia que:

«sem dúvida os novos suportes, o suporte digital e plataformas móveis vão mudar o conceito de livro» (E9, Bibliotecário).

Na óptica deste entrevistado, o conceito de livro, tal como o concebemos ao longo de séculos, tem vindo a ser alterado ao longo dos últimos anos, razão pela qual não é ainda possível definir o que será o livro no futuro.

Outro desafio apontado ao sector do livro, este relacionado com os sistemas digitais, prende-se com a existência de uma diversidade de suportes de leitura digital, dificultando a transferência de conteúdos entre aparelhos diferentes. Veja-se a seguinte situação: enquanto leitor adquire um e-book numa conceituada cadeia de vendas online e descarrego o mesmo no dispositivo de leitura fornecido por essa mesma cadeia; no entanto, como a leitura é para mim um acto de lazer que ocupa muito do meu tempo livre, entendo transferir o mesmo e-book para o meu computador do escritório, por forma ler essa obra nas horas mortas do meu trabalho; tal situação pode ser dificultada se não dispuser, nesse computador, de determinadas aplicações compatíveis com o produto distribuído pela cadeia internacional. Este exemplo demonstra aquela que tem sido uma das principais dificuldades, identificada pelos entrevistados, na expansão das vendas de e-books: a crescente necessidade de criação de um sistema universal de leitura digital:

a tecnologia vai caminhar nesse sentido, no sentido de haver um sistema único. Se isso acontecer o mercado ainda se pode expandir mais, as vendas de tablets superam muito as vendas de e-books, o dia que se puder transportar qualquer e-book para o tablet a expansão do mercado é muito maior (E5, Escritor).

Esta tese aqui defendida pelo é observável mesmo num mercado pequeno e com dificuldades financeiras, logo menor disponibilidade na aquisição deste tipo de aparelhos, como é o caso português. Veja-se a exemplo disso o inquérito da *Sociedade em Rede* (Cardoso et al. 2012), segundo o qual 1,5% dos inquiridos indicaram possuir um tablet, enquanto apenas 1% afirmaram possuir leitor de e-book. Estes dados indicam que mesmo num universo de nicho de mercado, onde as vendas destes aparelhos é ainda residual, a aquisição de tablets é consideravelmente maior que a verificada em relação a leitores de e-books.

Outro desafio, observável junto dos editores, prende-se com a necessidade de diferenciar as diferentes áreas de edição, adoptando para cada uma delas estratégias e métodos de trabalho que possibilitem uma melhor adaptação destas ao meio digital. É pois necessário

«fazer a separação entre as várias áreas da edição. Problemas que se colocam a editores de livros de texto não são os mesmos que se colocam a editores de livros com base de imagem (...) não é possível pensar da mesma maneira para fazer diferentes coisas» (E3, Editor).

Este facto indicia assim uma consciencialização dos editores para a necessidade das editoras analisarem a sua colocação no mercado em conformidade com as aspirações do seu público-alvo, mas também em função do tipo de produto que estão a editar, sendo para o efeito quase que necessária uma análise e a adopção de uma estratégia caso a caso para a obtenção de sucesso no produto que se quer comercializar, tendo em conta o tipo de edição que se quer realizar, digital ou papel, com base de texto ou de imagem, encontramos assim perante a presença de:

«produtos com origem semelhante mas com conclusões diferentes» (E3, Editor).

Por fim o problema da pirataria constitui também um desafio ao sector do livro nesta era digital, assinalado sobretudo no campo da produção, sobretudo pelos escritores,

«o grande problema está ainda relacionado com a pirataria» (E6, Escritor).

É sobretudo realçada a inexistência de legislação adequada aos meios digitais leva a que os profissionais do sector do livro olhem ainda com muita desconfiança para os formatos digitais. Assim como, os exemplos provenientes de outras áreas culturais, como a música e o cinema, nas quais o aparecimento e proliferação de sistemas digitais de distribuição de conteúdos levou também ao multiplicar de cópias ilegais desses conteúdos, poderá fazer com que os escritores e editores se retraiam em relação à adopção desses meios.

3.2 – A possibilidade de mudança de suporte de leitura e as vantagens e desvantagens do e-book e do livro

Nesta secção foram abordadas em primeiro lugar as vantagens e desvantagens dos dois formatos, livro e e-book, para o leitor e também a possibilidade de ocorrer uma substituição de suporte, ou seja, a possibilidade de o e-book vir a ocupar o lugar do livro. No que diz respeito a vantagens e desvantagens, ambos os formatos apresentam segundo os entrevistados as suas vicissitudes. Quanto à possibilidade de um formato substituir o outro, esta não se encontra de todo próxima da realidade, sendo a coexistência dos dois formatos a hipótese mais defendida.

Segundo o que se pode apurar das entrevistas, o formato e-book apresenta já algumas vantagens em relação ao livro impresso. Uma primeira vantagem que é apontada tem a ver

com a facilidade com que podemos adquirir qualquer obra, a partir de qualquer ponto do globo, bastando para o efeito ter acesso à rede, possibilitando assim um acesso mais rápido às obras, facilitando a aquisição de obras provenientes do estrangeiro sem os restringimentos de tempo colocados pelo livro impresso. O e-book apresenta assim uma

«vantagem para quem vive com difícil acesso ao livro estrangeiro, descarregar o livro é imediato» (E6, Escritor).

Também em termos económicos são identificadas vantagens por parte dos entrevistados,

«há vantagens para adquirir a informação de um modo mais económico e prático, assim como o fácil acesso em certas regiões» (E12, Bibliotecário),

uma vez que a sua aquisição não implica uma deslocação à livraria mais próxima, podendo ser realizada a partir de casa, ou de qualquer outro ponto em que o comprador se situe, tornando o processo de aquisição de e-books bastante mais prático do que a aquisição de livros. Esta facilidade de acesso e aquisição de e-books poderá traduzir-se em vantagens para aqueles que ocupam o lugar de produtores de conteúdos na cadeia, na medida em que lhes pode proporcionar um aumento de público-alvo, ou mercado, uma vez que a sua expansão pelo mundo pode ocorrer a uma velocidade muito maior, o que também se pode tornar numa desvantagem em termos competitivos:

«a primeira vantagem é que estes produtos digitais podem ser universais imediatamente. Ao alcance nas lojas pelo mundo inteiro. Pode também ser uma desvantagem por causa da competição» (E3, Editor).

Quer isto dizer que embora o digital constitua uma vantagem na difusão das obras, alargando o seu mercado, também pode significar um aumento concorrencial das mesmas, podendo leva-las a perder valor. Outra vantagem apontada ao e-book prende-se com a sua forma de armazenamento, mais simples e menos dispendiosa que o livro, e que vem facilitar a pesquisa, «tem a vantagem da pesquisa, permite a pesquisa por palavra» (E7, Bibliotecário), ou seja, permite através da pesquisa de uma palavra aceder a vários significados da mesma, permitindo a realização de uma leitura mais salteada, menos concentrada num único texto, uma leitura hipertextual. A forma de armazenamento dos e-books permite também uma economia de espaço, uma vez que não requer uma ocupação espacial muito volumosa, podemos armazenar centenas de livros num único dispositivo de leitura, o que também se traduz numa facilidade de transporte em relação aos livros,

«as plataformas móveis permitem ter num espaço pequeno e leve milhares de livros» (E9, Bibliotecário).

Apesar das vantagens apresentadas, ao e-book são também apontadas algumas desvantagens que podem condicionar a expansão deste formato. Uma primeira desvantagem que é apontada ao e-book está relacionada com a durabilidade dos materiais:

«o e-book é mais efémero e muito volátil. (...) A perenidade dos suportes é uma vantagem dos livros físicos, ainda lemos livros físicos de há 400 anos, sem grande dificuldade» (E4, Escritor).

O que aqui está em causa prende-se com o facto de, por um lado fruto dos constantes avanços tecnológicos, por outro lado pelas características dos próprios materiais, os suportes digitais de leitura estarem sujeitos a uma desactualização e deterioração mais rápida do que aquela que acontece com o livro em papel. Em primeiro lugar, o facto de a tecnologia se desenvolver a um ritmo frenético faz com que o software que hoje usamos na leitura de e-books se encontre desactualizado dentro de semanas, obrigando a uma actualização constante do mesmo, o que dará origem a que no futuro estes aparelhos esgotem a sua capacidade e, conseqüentemente, impedirá a aquisição de novas obras para serem lidas no mesmo. Por outro lado, certos suportes de armazenamento (cd's, computadores, tablets, e-readers, ...) com o uso e desgaste temporal têm tendência a danificarem-se, levando à perda da informação neles contida. Por sua vez, segundo a opinião de alguns entrevistados, o livro impresso embora possa sofrer alguns danos, fruto do passar do tempo e do seu manuseamento, conservam na mesma a informação neles inscrita.

Outra desvantagem apontada ao e-book está relacionada com «a dificuldade em ler em digital, ao hábito de ler em livro impresso» (E1, Editor), esta dificuldade está relacionada sobretudo com o treino que cada pessoa tem no acto de leitura. Assim uma pessoa habituada a ler em livro impresso encontrará algumas dificuldades no manuseamento do e-book, em situações básicas como o passar de páginas, isto apesar de os dispositivos mais modernos possuírem já dispositivos que imitam este simples gesto. Esta é uma dificuldade que se coloca, sobretudo às gerações que hoje ocupam a idade adulta. Isto porque as gerações mais novas estão já a crescer num ambiente digital, estando já bastante mais familiarizadas com os suportes digitais que as gerações precedentes. Este crescimento em ambiente digital, embora constitua uma tendência, não se aplica à generalidade do globo, razão pela qual é preciso não generalizar em futuras pesquisas. Associada também às dificuldades de leitura em suporte digital está o facto de a utilização destes dispositivos provocar um cansaço maior ao leitor, traduzido na «possibilidade de poder provocar alguns problemas da parte visual» (E8, Bibliotecário).

Em algumas áreas o e-book é ainda visto como pouco vantajoso. Um exemplo claro disso é a literatura, a qual tem toda uma tradição ligada ao livro enquanto objecto.

«A literatura se deixar de ser impressa perderá o encanto de desfolhar o livro» (E12, Bibliotecário).

Também ao nível da concentração exigida na leitura por alguns géneros literários, como o romance, provocam alguma desvantagem do e-book, que permite ligações mais rápidas a outros textos, ou o leitor encontrar-se em rede com outros leitores, logo mais distrações para lá do texto em que se foca, sobre o livro impresso.

A análise das vantagens e desvantagens indicam-nos a possibilidade de o e-book ser mais vantajoso em certos meios, como o académico, facilitando a pesquisa de informação, enquanto em textos de maior complexidade poderá ser mais vantajoso o uso do formato impresso:

para livros profissionais, escolares, o e-book é fabuloso. Livros muito visuais, enciclopédias, livros de imagens também acredito que o e-book seja muito interessante. Para romances, para livros mais de entretenimento, acho que o papel ainda tem uma função muito grande, há todo um ritual de leitura, da ligação ao livro que se perde um bocadinho com o e-book, acredito que nessas áreas o livro impresso pode resistir (E5, Escritor).

Esta possibilidade de coexistência dos dois suportes, sendo um mais prático para umas áreas e o outro para outras, leva-nos a ponderar a possibilidade de mudança de suporte, de que forma ocorre e em que áreas tem lugar.

A possibilidade de existência de uma substituição de formatos, pelo menos em algumas áreas, é já assumida por algumas entidades como provável, pelo menos à luz de dados que têm vindo a lume,

«neste momento vendem-se muito mais livros electrónicos na amazon do que em papel, esse é um sinal de mudança em determinados mercados» (E11, Bibliotecário).

Esta é uma mudança que a ocorrer não será generalizada, mas ocorrerá em determinados sectores da edição aos quais o e-book se apresenta mais vantajoso. Esta será também uma mudança que

«dependerá da evolução do modelo de negócio, de uma maior massificação da informação e do conhecimento» (E2, Editor),

ou seja, o sector do livro carece ainda de uma adaptação nos seus métodos de trabalho, na sua forma de negociar, por forma a se adaptarem aos desafios que a era digital lhes coloca.

Apesar de toda esta mudança, o desaparecimento do livro, enquanto objecto físico, não é de todo uma certeza. Pelo contrário, segundo os entrevistados, o que o futuro reserva será mais uma coexistência entre os dois formatos:

«não é bem uma mudança, é mais uma adaptação, eles vão coexistir» (E8, Bibliotecário).

Os dados indicam-nos que a mudança que está a ocorrer neste momento é sobretudo uma mudança sectorial, admitindo-se a existência de um certo grupo que se manterá fiel ao livro impresso:

«é preciso ver a diferença entre o grande público, onde pode haver uma rápida transformação dos hábitos e passar para o e-book. No caso da elite, que lê por gosto de folhear, de ter o objecto, ainda não se corre esse risco de mudança de hábitos de leitura» (E6, Escritor).

Outro aspecto a ressaltar o valor cultural associado ao livro, o qual tem sido ao longo dos séculos um objecto com um significado associado à sabedoria e ao poder, papel que, segundo algumas opiniões, irá manter no futuro:

«o livro impresso, grande pilar da cultura, mesmo daqui a cem anos quando todos lerem em tablets ou outros dispositivos electrónicos» (E1, Editor).

3.3 – Mudanças nos tipos de leitura

O aparecimento de suportes digitais de leitura vem também, segundo alguns entrevistados, alterar a forma como as pessoas lêem. Por um lado,

«as gerações mais velhas estão ainda agarradas ao formato impresso» (E1, Editor),

num sentido em que, como considera este entrevistado, tendo aprendido a prática de leitura através deste formato, estas gerações consideram ainda um acto de nobreza a leitura de um livro em papel, por outro lado, nem sempre as suas competências e familiarização com os suportes digitais são as adequadas para a prática de leitura, sobretudo em obras mais extensas. A leitura em suportes digitais obriga a que o leitor se adapte ao uso dessas tecnologias, em primeiro lugar, mas também ao tipo de suporte usado na leitura,

«temos que nos adaptar, é muito fisiológico. Uma coisa é lermos num telemóvel que tem um ecrã mais pequeno, outra coisa é lermos num monitor que tem um ecrã grande» (E4, Escritor).

Se a leitura se alterou com o aparecimento dos suportes digitais, também a escrita pode ter vindo a sofrer alterações:

a acção de escrever saiu das mãos de um grupo fechado. O escritor hoje não é a figura clássica que observámos durante centenas de anos. A internet e a palavra escrita disseminada

democratizaram, por um lado a escrita, e por outro o acesso a essa mesma escrita (E11, Bibliotecário).

Ou seja, a proliferação de suportes digitais, alavancada pela expansão da internet, poderá ter conduzido ao aparecimento de novos escritores, à publicação de novos textos, nas mais variadas plataformas, tendo surgido, um pouco por todo o universo da rede, novos textos, assistindo-se assim a uma massificação da produção de informação.

No entanto, esta multiplicidade de transformações pode não representar uma mudança na forma como escrevemos e lemos tão profunda como poderíamos imaginar à primeira impressão.

A multiplicação de suportes altera algumas coisas, mas não tanto assim. Continuamos a escrever com palavras, com frases. É evidente que em certos meios, como os sms, quase cria uma nova linguagem, muito simplificada. A diferença de ler um e-mail ou um texto é uma diferença de forma de comunicação. (...) Temos é fórmulas diferentes de ler e de escrever por forma a comunicar uns com os outros. A comunicação entre as pessoas aumentou imenso. Mas continua-se a escrever a mesma língua, as mesmas palavras. A maior parte destas novas comunicações todas são escritas. A forma de comunicar não mudou assim tanto, o que mudou foi o suporte e isso deu uma capacidade enorme de expansão à comunicação (E5, Escritor).

Ou seja, a grande transformação que ocorre está relacionada com os suportes, é certo que cabe ao leitor fazer todo um processo de aprendizagem e adaptação ao uso desses suportes, no entanto, é também certo que estes novos dispositivos permitem uma maior interacção com imagens e sons, mas os meios que usamos para comunicar continuam a ser os mesmos, continuamos a ler em português, ou noutra língua do mundo, continuamos a usar as palavras dessa língua e articulamos frases de acordo com as regras dessa mesma língua.

Quando questionados sobre o facto de a expansão de suportes digitais poderia levar a uma mudança de hábitos de leitura, a maioria dos entrevistados indicia essa mudança como um facto. No entanto é também de realçar a seguinte opinião:

«a leitura não mudou. Continua a ser um acto solitário de vontade. Será como até agora, há os que querem ler e os que não querem ler. Está mais no caminho das pessoas, mas se não tiverem vontade, não é por terem um livro disponível no ipad ou no telemóvel que o irão ler» (E2, Editor).

Este ponto de vista poderá indicar que o facto de as pessoas lerem ou não livros poderá estar relacionado com as pessoas em si, com os seus interesses culturais, e não tanto com o suporte em que uma determinada obra é disponibilizada.

No entanto, o aumento de actividade por parte das pessoas no universo digital leva a que estas possam produzir mais texto escrito, aumentando assim os níveis de informação

disponíveis, o que faz com que as pessoas, conseqüentemente, leiam mais. Esta situação ocorre sobretudo:

«num nível de comunicação que tem a ver com o seu dia-a-dia e do foro privado. Do ponto de vista da leitura de livros não sei se mudou assim tanto» (E5, Escritor).

Quer isto dizer que embora seja crível que as pessoas leiam mais, essa leitura está relacionada com as suas actividades quotidianas como a leitura de e-mails, blogs, redes sociais, etc., no que diz respeito à leitura de livros, esta poderá estar relacionada com a propensão das pessoas para a realização dessa actividade.

O que poderá estar a ocorrer é uma mudança na forma como as pessoas lêem, principalmente em suportes digitais, nos quais a pesquisa de informação se realiza a uma velocidade muito maior, levando o leitor a saltar de trechos de textos para outros, levando a uma leitura mais faseada e menos concentrada num só texto, com as implicações que daí podem vir.

A forma como a tecnologia está a desenvolver-se e a relação das editoras e as empresas de distribuição fazem chegar os conteúdos aos leitores acaba por também ter influência na forma como as leituras são feitas. É uma leitura por vezes dispersa que faz com que as pessoas possam perder a concentração na leitura (E3, Editor).

Outra característica da leitura em formato digital prende-se com a associação à imagem e ao som, o que leva a que esta passa a ser uma leitura mais interactiva, mais visual, do que a praticada nos formatos impressos.

Se o acesso à palavra escrita está a ser modificado e a sua apropriação está a ser feita de forma diferente. A palavra escrita tem sido ligada à imagem, sendo a percepção da realidade completamente diferente. A percepção da realidade, decorrente do uso das novas tecnologias, é hoje completamente diferente (E11, Bibliotecário).

Significa isto que somos hoje obrigados a processar um número maior de informação, a uma velocidade também ela muito maior, o que leva a que tenhamos que estar mais atentos ao que se passa à nossa roda, fazendo com que a percepção que temos do mundo que nos rodeia seja também ela diferente.

Ao abordar as questões das alterações na leitura na era digital, importa também tentar aferir de que forma os actores do sector do livro vêm a forma como esta se irá processar junto das gerações futuras, qual o entendimento que têm do fenómeno e quais as possíveis implicações no tipo de leitura que praticamos. Neste campo deparamo-nos com a hipótese de as lermos de forma diferente daquela que aprendemos:

«lêem de uma forma completamente diferente, não tão profunda, se calhar o que lhes pedimos não é tão exigente como era antigamente» (E8, Bibliotecário).

Esta falta de profundidade leva a questionar a forma como esta se processa em certos meios, perante certo tipo de textos:

«será que se consegue ler um romance de oitocentas páginas num tablet?» (E3, Editor).

A questão que aqui se coloca é bastante relevante visto remeter-nos para o facto de a leitura praticada nos suportes digitais se caracterizar muitas vezes por uma maior fragmentação e hipertextualidade, podendo dificultar assim a leitura de textos mais extensos, como são os casos dos romances. As gerações futuras:

«vão encarar a leitura de uma forma mais funcional, quanto à literatura não estou tão certo disso. Por vezes a literatura evolui em função do próprio meio» (E4, Escritor).

Ou seja, as transformações que agora ocorrem poderão levar a que futuramente sejam os próprios agentes do mundo literário a se adaptarem, a construírem novos géneros, por forma a responderem aos desafios colocados pelas novas tecnologias, de modo a satisfazerem as necessidades de uma nova geração de leitores que cresceu já num ambiente digital.

3.4 – A situação em Portugal

As transformações anteriormente descritas estão a ocorrer um pouco por todo o mundo, embora a velocidades diferentes. Se por um lado temos os Estados Unidos da América numa situação de grande avanço neste campo, este processo na Europa está a proceder-se de forma mais lenta, e mesmo no continente europeu sofre variações entre as diferentes regiões. Importa por isso observar a situação do nosso país, fazer um pouco o balanço do que está feito e ter a noção dos factores que contribuem para este atraso.

O caso português é parecido ao de muitos outros países europeus, ou seja, estamos ainda num ponto de relativo atraso, sendo a aposta nos e-books, quando existente, muito recente. Este facto deve-se em primeiro lugar às apostas feitas pelos editores,

«no essencial 80 a 90% dos editores confiam muito no mercado em papel, ainda não quiseram apostar muito no e-book» (E4, Escritor).

O editor português só agora começa a dar os primeiros passos na edição de e-books, os quais são ainda olhados com alguma desconfiança por estes, na medida em que representam ainda um modelo de negócio bastante imprevisível, cujo mercado ainda não está suficientemente desenvolvido e ao qual os clientes migram do mercado impresso:

«estamos a dar os primeiros passos, os leitores de e-book são grandes leitores de livro impresso. O mercado de e-books em Portugal ainda não é relevante» (E2, Editor).

«Sinto que há uma evolução. Sei que as pessoas, os mais curiosos, adoptam esses hábitos, mas também vejo, ao mesmo tempo, muita gente céptica, nunca há uma adesão em massa. Sei que existem algumas editoras a começar a investir. Há uma evolução. Há na área da edição um caminho longo a seguir» (E3, Editor).

A questão do público é fulcral para o desenvolvimento de um mercado e-book, o facto de existir toda uma tradição em volta do livro físico faz com que coloquemos ainda algumas reticências na aquisição destes produtos. Este trata-se de um obstáculo de natureza cultural, que exige uma mudança de mentalidades para facilitar uma implementação plena de um mercado e-book em Portugal.

«Ainda há o hábito do livro. O público de âmbito cultural ainda se baseia bastante no livro e vê o e-book com alguma desconfiança» (E6, Escritor).

E essa mudança tem que ocorrer primeiramente do lado da produção e edição de conteúdos, tem que haver uma maior abertura destes agentes na opção por publicar em e-book.

Outra situação que vem dificultar a implementação do uso de e-books entre nós tem a ver com a múltipla oferta de dispositivos de leitura e a incompatibilidade entre eles.

«O facto de equipamentos não serem compatíveis leva a um distanciamento do público-alvo» (E10, Bibliotecário).

As dificuldades ao adquirirmos uma obra e de a ler em diferentes dispositivos, em situações diferentes leva a que os leitores se distanciem dos e-book, especialmente em tempos de crise como os que vivemos presentemente, em que as pessoas têm menos dinheiro disponível, logo na aquisição de livros, e perante os constrangimentos que o e-book apresenta, o público possa preferir adquirir livros em formato papel.

Todos estes constrangimentos afectos ao e-book não significam que estes não tenham futuro junto do público português. Este é um processo moroso, mas que tem como perspectiva um público aberto e interessado pelas novas tecnologias, como demonstra o exemplo dos telemóveis, que no espaço de duas décadas alcançaram enormes taxas de uso, das maiores da Europa.

Portugal é um país muito curioso em termos tecnológicos. Há uma atracção grande por esse tipo de coisas e é natural o desenvolvimento desse mercado. Portugal está no caminho esperado, isto vai mudar aqui, mas vai mudar mais lentamente que nos Estados Unidos, já tem uma dinâmica interessante (E5, Escritor).

3.5 – O escritor na era digital

Após análise das perguntas de carácter mais generalizado, importa agora analisar as opiniões dos intervenientes acerca das mudanças que estão a ocorrer no sector do livro, mais especificamente a forma como vêem alterar a sua actividade.

Em primeiro lugar, vamos observar de que forma estas mudanças estão a alterar, se for esse o caso, os métodos de trabalho dos escritores e, em segundo lugar, a relação destes com os seus leitores.

Neste campo, era primeiramente perguntado aos escritores que tipo de desafios se colocam à sua actividade nesta era digital, e também de que forma vem alterar a relação escritor vs. leitor. Assim podemos destacar a opinião que refere que a publicação em formato digital

«é muito interessante para a divulgação de uma obra no estrangeiro» (E6, Escritor).

Remetendo assim para a ideia de que a publicação pode ajudar a obra do escritor a extravasar as fronteiras nacionais, podendo conduzir ao reconhecimento internacional. Por sua vez o entrevistado 5, escritor, destaca que não é tanto a forma de escrita que tem vindo a mudar, mas sim as relações entre o escritor, o seu editor e os leitores:

«muda a relação que tens com o editor e tens que levar isso em consideração, o que a tua editora está a fazer do ponto de vista dos e-books. A “era digital” facilita a comunicação dos leitores com os autores, aproxima-te dos leitores» (E5, Escritor).

Quando questionados sobre a possibilidade de publicarem em e-book no futuro, todos os escritores entrevistados responderam afirmativamente, como forma de «chegar a diferentes tipos de leitores» (E4, Escritor). Ou porque a editora publica já nos dois formatos, não havendo assim alteração nas relações escritor vs. editora, ou porque encara a possibilidade de publicar em e-book mas não deixa de publicar em papel:

«só em e-book não, nos dois formatos sim» (E6, Escritor).

Por fim perguntava-se aos escritores se viam o e-book como um meio para a conquista de novos leitores. Aqui surgem-nos três visões da forma como o e-book pode vir a contribuir para a conquista de novos leitores. Em primeiro lugar, pelo facto de permitir uma existência mais continuada das obras no mercado, não estando restringido por limitações físicas, como acontece no formato em papel.

«O problema para a divulgação dos livros, com o prazo limitado das livrarias para exporem as novidades, que quando se esgotam não repõem, muitas vezes o e-book é a forma de o livro continuar a existir» (E6, Escritor).

Em segundo lugar, são apontadas vantagens ao e-book na conquista de novos leitores e de um ponto de vista estético:

«o livro digital pode ser interessante pelo lado estético, da beleza que tem, todo um lado tecnológico da capacidade de sedução que pode entrar aí em acção» (E4, Escritor).

Por outro lado, também é destacado o facto de existir já um público afecto ao digital e que por isso é necessário criar mecanismos que permitam responder aos anseios e aspirações desse público, que permita ao escritor fazer chegar a sua obra até esse público:

«parece-me haver claramente um público que gosta do formato digital. Se a pessoa se aperceber que há um público que gosta de ler em formato digital, tem que se encontrar forma de satisfazer as necessidades desse público» (E5, Escritor).

3.6 – O futuro da edição

A área da edição é certamente daquelas que mais transformações sofre em função do aparecimento e desenvolvimento das tecnologias da informação adaptadas ao sector do livro. Deste modo, por forma a apurar as situações de mudança nas editoras portuguesas foram colocadas aos entrevistados três tipos de perguntas sobre a sua actividade enquanto editores. Em primeiro lugar questionou-se se, fruto da proliferação de formatos digitais e da facilidade de surgimento de auto-edições, a profissão de editor estaria ameaçada, ou pelo contrário estaria agora renovada. Em segundo lugar, questionou-se a forma como as editoras em que trabalham se têm adaptado à era digital. Por fim, questionou-se sobre a essência da profissão na actualidade.

A possibilidade de desaparecimento da profissão de editores é claramente refutada por estes, na medida em que a sua existência é uma marca de qualidade para os leitores.

«Acho que o ofício de editor não vai acabar, porque todos os textos precisam de ser editados, precisam de um filtro. Os leitores precisam de ter uma certeza em relação ao texto, a qual lhes é dada pelo prestígio da chancela» (E2, Editor).

Nem mesmo o facto de os formatos digitais, a internet, facilitarem o aparecimento das edições de autor vem alterar essa situação.

O papel do editor será sempre necessário. Não é por existir facilidade nas edições de autor que estas sejam necessariamente boas. Acho que o público está habituado a seguir o trabalho das editoras. Muitas vezes é o facto de um livro ser editado por uma determinada editora que lhe dá crédito (E3, Editor).

No que diz respeito à publicação em formato e-book, os editores entrevistados deram conta de que ainda se encontram no início de uma aventura cujos caminhos são imprevisíveis, sendo as publicações já existentes ainda muito simplificadas:

«Estamos agora a iniciar os e-books, que vamos começar a comercializar. Transformamos os textos em e-books, sem outras alterações como a introdução de sons e imagens» (E2, Editor).

A opção de editar em e-book é uma decisão muito ponderada, feita em função dos conteúdos, na busca da descoberta de novos conteúdos que tragam sobretudo qualidade:

«As decisões que tomo como editor, e também como administrador, são motivadas pela vontade de descobrir coisas novas, com o objectivo de construir um catálogo de qualidade» (E3, Editor).

As funções do editor têm vindo a alterar-se, não passando já somente pelo simples acto de editar livros, são mais abrangentes, «a criação de conteúdo, a sua gestão e distribuição e a capacidade de criar novos serviços estão a tornar-se requisitos críticos para os editores. A abordagem à gestão de conteúdo tem de caminhar no sentido de a estratégia dos editores residir, cada vez mais, na criação dinâmica de produtos geradores de retorno rápido, independentemente do tipo de activo digital ou do canal de distribuição» (Furtado, 2008: 251). Esta mudança é também assinalada pelos entrevistados,

«as editoras já não são editoras de livros, mas editoras de conteúdos» (E2, Editor).

Mas não é somente no que é editado que se está a verificar essa mudança, também os meios com que se edita têm vindo a mudar. O que é necessário compreender é que os conteúdos, a forma como vão ser editados são independentes entre si, a sua análise e produção têm que ser feitas em função de cada caso:

os meios têm vindo a mudar. As coisas mudam. Os conteúdos podem ser os mesmos. Os conteúdos que resultam no papel podem resultar no digital, mas também podem não resultar. Gosto de analisar caso a caso. Não há propriamente uma fórmula, quase como que trabalha-se-mos cada autor sobre um pano de fundo próprio (E3, Editor).

3.7 – A biblioteca na era digital

Outro agente muito importante no sector do livro são as bibliotecas, ou melhor ainda, os bibliotecários e o trabalho que desenvolvem nas suas instituições. Nas entrevistas realizadas a bibliotecários o foco centrou-se no papel do bibliotecário na era digital, no modelo de biblioteca para o futuro e na situação da instituição para a qual trabalham face ao digital.

No que diz respeito ao papel do bibliotecário, segundo a opinião destes profissionais, este não irá desaparecer, haverá sim, e já está a decorrer, uma reconfiguração das suas funções. Para o efeito, o bibliotecário depara-se actualmente com novos desafios que vêm alterar a natureza das suas funções.

«O principal desafio é sermos um nó na rede e potenciarmos a criação de conhecimento nesse ambiente de rede» (E9, Bibliotecário).

Este desafio está relacionado com uma necessidade cada vez maior dos públicos em acederem à informação, sendo que o bibliotecário pode funcionar não somente como um intermediário entre a informação e o público, mas também como uma orientação na procura da informação adequada. Para esse efeito, é necessário que o bibliotecário se adapte às mudanças que ocorrem à sua volta.

«Se as necessidades e fontes de informação mudam, o bibliotecário também tem que mudar. Tem que mudar a percepção do livro. O meio muda, o peso das funções também muda. Há um enriquecimento da função dos bibliotecários» (E11, Bibliotecário).

Outro desafio que se coloca está relacionado com motivos económicos que têm vindo a atrasar o desenvolvimento de algumas instituições neste campo.

«Com a crise ainda não se justifica o investimento. O desafio é mesmo económico» (E8, Bibliotecário).

De facto, a crise económica que se faz sentir em Portugal nos últimos anos tem vindo a atrasar o investimento nas bibliotecas, assim como noutras áreas culturais, e este tem vindo reflectir-se bastante no universo das bibliotecas públicas.

O aparecimento de bibliotecas digitais tem vindo a afectar as bibliotecas tradicionais, mas isso não significa que estas últimas venham a desaparecer ou a perder importância.

As bibliotecas digitais não tornam obsoletas as bibliotecas tradicionais, temos que nos adaptar. As nossas funções são diferentes de há vinte ou trinta anos atrás, o próprio papel da biblioteca mudou, estamos mais abertos aos utilizadores, antigamente não era assim, vamos mais à procura das necessidades deles do que das nossas. Utilizamos muito as novas tecnologias para divulgarmos aquilo que temos, de forma a chegar ao público-alvo (E8, Bibliotecário).

As bibliotecas tradicionais não irão assim desaparecer, o papel destas será, segundo os entrevistados, diferente do que tem tido até aqui, as suas funções, as necessidades dos seus públicos é que se vão alterar.

«Vão sempre existir bibliotecas tradicionais. As bibliotecas poderão deixar de ser tendencialmente aquele local onde as pessoas se dirigem. As pessoas hoje já não vão à biblioteca procurar um livro, vão à biblioteca procurar informação» (E10, Bibliotecário).

A mudança de suporte, do físico para o digital, não irá ocorrer de forma absoluta, haverá sempre a preocupação de manter um espólio em formato físico, poderá sim ocorrer uma perda de importância deste formato em relação ao digital, levando a que não sejam precisos tantos recursos no futuro.

«A biblioteca do futuro será mais ágil, menos pesada, com menos pessoas a fazer trabalho técnico, com maior interação com o público-alvo» (E11, Bibliotecário).

Quanto à situação das bibliotecas face ao digital, a sua adaptação é ainda muito condicionada por factores económicos, pela crise que afecta o país. No entanto, existe já uma vontade dos bibliotecários em abraçarem este desafio, estando já a realizar as primeiras experiências nesse sentido.

«Há já uma preocupação em acompanhar este processo, na parte das divulgações, actualização de recursos informáticos, colocação de base online para os leitores acederem a informação sobre o que está disponível» (E8, Bibliotecário).

Num outro plano, já mais avançado, há a destacar os trabalhos desenvolvidos nas Bibliotecas Nacional e João Paulo II. A Biblioteca Universitária João Paulo II começou a criar o seu catálogo digital ainda nos anos oitenta, sendo pioneira neste campo no nosso país:

«o catálogo electrónico da Biblioteca João Paulo II começou a ser criado ainda no final dos anos oitenta. A Universidade Católica, pela necessidade da sua actuação, desde muito cedo aceitou ao espaço digital» (E11, Bibliotecário).

Também a Biblioteca Nacional, embora mais recentemente, tem vindo a desenvolver trabalho nesse campo.

Em termos de disponibilização de conteúdos, começou em 1998, no âmbito de eventos comemorativos. Em 2002 surgiu o projecto Biblioteca Nacional Digital. Em 2006/2007 houve alguma mudança, a Biblioteca Digital deixa de ser um projecto e passa a ser um serviço (E9, Biblioteca Nacional).

Os testemunhos aqui recolhidos mostram que existe já uma grande abertura dos bibliotecários e das bibliotecas ao uso de suportes digitais, e esta é uma abertura extensível a diferentes tipos de biblioteca, com diferentes objectivos, como são os casos analisados, Biblioteca Nacional, bibliotecas municipais e bibliotecas universitárias. Esta abertura significa que, não fossem certos constrangimentos de ordem económica, o trabalho das bibliotecas neste campo teria a registado avanços mais significativos.

CAPÍTULO 4 – CONCLUSÕES

A realização deste trabalho teve por finalidade compreender algumas transformações que estão a ocorrer no sector do livro, fruto do aparecimento de suportes de leitura digital. Uma primeira conclusão que podemos retirar da pesquisa realizada aponta no sentido de estar já a ocorrer uma mudança, quer do lado da produção, quer da recepção, mas que se encontra ainda numa fase embrionária do processo. Os editores só agora começam a apostar no digital, ainda sem correrem grandes riscos, os escritores ainda têm muitas reservas em publicar em digital, os bibliotecários não dispõem ainda de meios necessários para a realizarem a transição plena para o digital, e os leitores ainda se encontram muito enraizados no livro impresso, sendo a adaptação destes aos formatos digitais ainda um longo caminho a percorrer.

Um facto cada vez mais claro nos nossos dias prende-se com a importância que o conhecimento e o acesso à informação detêm. O conhecimento, a posse do mesmo, são progressivamente condição essencial de poder, fonte geradora de riqueza. O facto de o acesso à informação e ao conhecimento se processar hoje de uma forma mais rápida e fácil para aqueles que a procuram, provoca alterações nas sociedades, na forma como as pessoas se relacionam e comunicam entre si.

Este tipo de alterações afectam todos os sectores da sociedade e, sendo o sector do livro ligado aos sistemas de comunicação e informação, este encontra-se particularmente situado no epicentro das transformações que as tecnologias da informação têm vindo provocar. O aparecimento de e-books, enquanto versão digital dos livros, levou ao aparecimento de algumas teorias que indiciavam o desaparecimento do livro em papel, sendo inteiramente substituído pelo formato digital. Segundo os entrevistados, esta não será contudo uma visão que se irá concretizar realmente. O que está a acontecer será mais uma adaptação dos modelos de negócio, por forma a adaptar o sector do livro aos desafios que lhe são colocados na era digital. O que assistimos presentemente é que o e-book é já mais vantajoso para a leitura em meios académicos, visto que facilita a forma como pesquisamos nas obras, mais rápida e ágil, enquanto o livro impresso torna-se mais vantajoso para quem queira realizar leituras que exijam níveis de concentração maiores.

Podemos então afirmar que, segundo os agentes entrevistados, o livro em formato impresso, perante o cenário com que nos deparamos actualmente, não irá desaparecer, cederá algum do seu campo de acção ao e-book, mas não será inteiramente substituído por este

último. Três factores podem contribuir, para a não substituição completa de livros impressos por e-books: em primeiro lugar a incompatibilidade dos equipamentos de leitura de e-books, que não permite a transferência de e-books de um suporte para outro de origem diferente, embora esta possa ser uma condição que poderá vir a ser alterada; em segundo lugar, a vulnerabilidade dos sistemas digitais perante a pirataria leva a que os agentes do sector do livro olhem com alguma reserva para os e-books, se as indústrias da música e o cinema têm sofrido grandes perdas por causa da pirataria, o mesmo pode acontecer com o livro; em terceiro lugar, o facto de haver ainda áreas mais tradicionais, como o caso da literatura e estudos literários, que ainda não demonstram grande abertura ao e-book.

Os suportes digitais vieram também alterar a forma como lemos, o que lemos, onde lemos e a frequência com que praticamos essa acção. Tendo em conta que hoje vivemos numa sociedade que se caracteriza pela importância dada ao conhecimento e à informação, a prática da leitura torna-se também ela cada vez mais essencial na vida quotidiana das pessoas. É por isso crível que leiamos mais, em diferentes tipos de suportes, uma vez que a quantidade de informação disponibilizada é cada vez maior e na sua maioria é difundida por escrito, no entanto, este aumento de leituras não implica necessariamente um aumento de leituras de livros, digitais ou impressos, uma vez que este tipo de leitura está relacionado com questões de nível cultural, educacional e com a apetência individual para essa prática. Por outro lado, a leitura praticada em suportes digitais caracteriza-se por ser mais dispersa e fragmentada, mas também mais interactiva, sendo-lhe associadas muitas vezes imagens e sons. Esta oferta que nos propõe os suportes de leitura digital resulta em dificuldades na realização de leituras nesses suportes. Essas dificuldades estão sobretudo relacionadas com o hábito em ler em formato impresso, o que se traduz em parte geracional, visto que as gerações mais novas estão mais familiarizadas com os suportes digitais, razão pela qual têm menos dificuldade em ler nesses formatos. Existe assim cada vez mais uma necessidade de se saber mover e trabalhar nestes ambientes digitais, sendo por isso indispensável às gerações menos familiarizadas com estes suportes adaptarem-se ao uso dos mesmos, sob pena de virem a ser ultrapassados pelas gerações mais novas.

No que diz respeito a Portugal, ainda nos encontramos a dar os primeiros passos no que concerne à leitura de e-books. Embora sejamos interessados e abertos ao uso de novas tecnologias, como o comprovam os números de utilização de telemóveis, existem factores de variada ordem que fazem com que ainda não leiamos muito em e-books. Factores de ordem cultural têm contribuído para esse atraso, os níveis de alfabetização em cada geração, com as diferentes dinâmicas e oportunidades, muito contribuem para uma maior ou menor

familiarização pelo uso das novas tecnologias da informação. O facto de existir toda uma tradição associada ao livro físico, tradição essa que provém de toda uma História ligada ao cristianismo, religião que dá grande valor ao livro e à palavra escrita, de a posse e o manuseamento do livro estar ligado a uma certa ideia de poder e sabedoria, faz com que os leitores portugueses ainda se encontrem muito agarrados ao livro impresso. Também factores de ordem económica estão na origem deste atraso, na medida em que, vivendo Portugal uma crise económica e financeira aguda, as pessoas dispõem hoje de menos dinheiro, levando a cortes em certos bens como a tecnologia e a cultura.

O aparecimento de e-books é visto pelos escritores entrevistados como uma oportunidade de internacionalização das suas obras, uma vez que facilita o acesso às obras, em qualquer ponto do globo, sem os constrangimentos inerentes à compra de livros impressos. No entanto, o e-book não vem alterar a forma como se escrevem livros, há aliás ainda uma certa desconfiança dos escritores em relação à utilidade dos e-books em textos literários, admitindo que podem ser interessantes de um ponto de vista interactivo, para os escritores o texto literário exige níveis elevados de concentração e muito tempo de dedicação, exige uma leitura mais focada na obra.

Do ponto de vista dos editores entrevistados existe uma mudança clara das suas funções, se no passado consistiam em editar livros, o cerne das suas funções encontra-se agora na gestão e edição de conteúdos, há assim um assimilar de novas funções por parte destes profissionais. No entanto, e apesar dos suportes digitais facilitar as edições de autor, a profissão de editor não se encontra ameaçada, não virá a desaparecer, uma vez que o facto de um texto ser editado traduz-se numa garantia de qualidade para o leitor. No que diz respeito ao e-book enquanto produto de negócio, os editores em Portugal registam ainda um enorme atraso, os editores entrevistados deram conta de que só agora começam a realizar as primeiras experiências nesse campo. Existe ainda da parte dos editores um certo receio e resistência em publicar nestes formatos, o qual pode ser devido ao investimento que esta aposta pode implicar. Por outro lado existe também uma resistência à venda dos seus e-books em grandes cadeias internacionais, em virtude da perda de margem de lucro que estas podem representar. Esta resistência dos editores portugueses leva a que seja muito difícil encontrar livros comerciais de língua portuguesa em e-book, o que pode, atrasar a adopção deste formato por parte dos leitores portugueses por um lado, por outro, pode ser responsável pelo facto de determinadas obras e escritores não virem a ser reconhecidas internacionalmente. Estas hesitações por parte dos editores estão assim a prejudicar a expansão do próprio mercado, quer dentro de portas, quer na expansão para o estrangeiro.

Também as bibliotecas, enquanto instituições, bem como no seu funcionamento, segundo os bibliotecários entrevistados, têm vindo a ser afectadas pelas transformações que as tecnologias da informação estão a provocar no sector do livro. Nas entrevistas, realizadas a vários agentes deste sector, é de realçar uma maior abertura por parte dos bibliotecários na abordagem do tema em estudo. Em primeiro lugar há que salientar o facto de existir já uma enorme vontade por parte dos bibliotecários em se lançarem no desafio que a era digital lhes vem proporcionar. No entanto, os planos dos bibliotecários têm vindo a ser afectados pela crise económica e pelo desinvestimento que se tem vindo a verificar no sector cultural, razão pela qual será necessário repensar toda a política de investimentos nesta área. Apesar de todas as limitações, existem já algumas experiências neste campo realizadas nas mais variadas bibliotecas. Também o facto de grande parte da informação circular cada vez mais em formato digital, assim como o surgimento de bibliotecas digitais, poderia indiciar uma ameaça para a profissão de bibliotecário, mas não é essa a visão que estes têm do fenómeno, para os bibliotecários, o aparecimento de suportes digitais não só não vem comprometer o futuro da sua profissão, como vem enriquece-la, na medida em que o volume de informação que circula é cada vez maior, sendo cada vez mais necessário alguém que faça o filtro dessa informação, alguém que oriente as pessoas a chegarem à informação pretendida.

No que diz respeito à instituição biblioteca, também ela está a sofrer transformações, a biblioteca tradicional, espaço físico, repositório de livros, não irá desaparecer para dar lugar à biblioteca digital, mais funcional em termos de acesso. É verdade que a biblioteca tradicional cederá algum do seu espaço de acção à sua vertente digital, mas no futuro haverá lugar para as duas, completando-se uma a outra. A biblioteca do futuro terá como característica fundamental o facto de ser híbrida, com uma componente digital, que facilitará o acesso à informação, superando barreiras físicas e temporais, e uma componente física, onde preservará todo um espólio de livros à disposição dos leitores.

Ao longo da realização deste trabalho sobressaiu a enorme complexidade de todo este processo de adaptação do sector do livro. Para esta complexidade em muito contribuem as diferentes perspectivas que os agentes do sector do livro têm sobre o fenómeno, assim como as diferentes velocidades de adaptação que estes têm preconizado. Este é um trabalho que procurou ouvir as opiniões de alguns agentes desse sector, pelo que me deparei com uma enorme disponibilidade por parte dos bibliotecários em abordar o tema, mas uma maior dificuldade em chegar à fala com editores e escritores. No futuro seria interessante a realização de um estudo mais abrangente, que abarcasse também o lado dos leitores, quais as suas perspectivas sobre o tema, e o que esperam para o futuro do livro.

BIBLIOGRAFIA

Amazon (2012), *Amazon.com Now Selling More Kindle Books Than Print Books*, in http://phx.corporate-ir.net/phoenix.zhtml?c=176060&p=irol_newsArticle&ID=1565581&highlight, acessado em: 12/12/2012

Ávila, Patrícia Durães (2006), *A Literacia dos Adultos. Competências-chave na Sociedade do Conhecimento*. Lisboa: ISCTE, 2006. Tese de doutoramento

Babo, Maria Augusta (2012), «O lugar do Leitor numa Arqueologia da Ciberliteratura: Estudos de Caso», in Jorge Martins Rosa (org.), *Cibercultura e Ficção*, Lisboa, Documenta, pp. 93-107

Cardoso, Gustavo et al. (2012), *Sociedade em Rede. A Internet em Portugal 2012*, OberCom, Lisboa

Cavallo, Guglielmo e Roger Chartier (1997), *Histoire de la Lecture dans le Monde Occidental*, Paris, Seuil

Cull, B.W. (2011). 'Reading revolutions: Online digital text and implications for reading in academe'. *First Monday*, 16 (6). Disponível em: <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/3340/2985>

Faria, Maria Isabel e Maria da Graça Pericão (2008), *Dicionário do Livro: Da Escrita ao Livro Electrónico*, Coimbra, Almedina

Furtado, José Afonso (2008), *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, Lisboa, BOOKTAILORS

Furtado, José Afonso (2012), *Uma Cultura da Informação para o Universo Digital*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos

Garcia, José António Cordón, Raquel Gómez Díaz, Julio Alonso Arévalo (2011), *Gutenberg 2.0: la revolución de los libros electrónicos*, Gijón, Ediciones Trea

Heyles, N. Katherine (2010) How We Read: Close, Hyper, Machine. *ADE Bulletin*. Number 150

Liu, Z. (2006). Print vs. electronic resources: A study of user perceptions, preferences, and use. *Information Processing & Management*, vol. 42: 2, pp. 583-592

Lopes, João Teixeira & Lina Antunes (2001), *Novos Hábitos de Leitura: Análise Comparativa de Estudos de caso*, Lisboa Instituto Português do Livro e das Bibliotecas & OAC

Manguel, Alberto (1996), *Uma História da Leitura*, Lisboa, Editorial Presença, 3.^a ed.

Martins, Jorge Manuel (2005), *Profissões do Livro*, Lisboa, Editorial Verbo

Neves, José Soares et al. (2012), *Inquérito ao Sector do Livro*, Lisboa, OAC

Pinto, Sara Sanz (2012), *Enciclopédia Britânica deixa de ser impressa. Papel? Qual papel?*
In <http://www.ionline.pt/mundo/enciclopedia-britanica-deixa-ser-impressa-papel-qual-papel>
acedido em: 15/03/2012

Quivy, Raymond & Luc Van Campenhoudt (2008) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 5.^a edição, Lisboa Gradiva

Rainie, Lee (2012), *Tablet and E-book reader Ownership Nearly Double Over the Holiday Gift-Giving Period*, Pew Research Center's Internet & American Life Project, Washington, D.C.

Rainie, Lee et al. (2012), *The rise of e-reading*, Pew Research Center's Internet & American Life Project, Washington, D.C.

Santos, Maria L. Lima dos et al. (2007), *A Leitura em Portugal*, Lisboa, GEPE

Ventura, João J. B. (2002), *Bibliotecas e Esfera Pública*, Oeiras, Celta

Zickuhr, Kathryn et al. (2012), *Libraries, patrons, and e-books*, Pew Research Center's Internet & American Life Project, Washington, D.C.

ANEXOS

ANEXO 1 – Guião de Entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA

O presente guião refere algumas das questões que quero ver discutidas com os intervenientes no sector do livro. Encontra-se dividido em primeiro lugar por uma série de perguntas comuns aos diferentes intervenientes, sendo que num segundo momento introduzirei questões específicas ao papel de cada um dos intervenientes.

Três tipos de entrevistados na pesquisa:

- Escritores
- Editores
- Bibliotecários

QUESTÕES DE ÂMBITO GERAL

- Quais são, na sua opinião, os principais desafios que se colocam à indústria do livro nesta “era digital”?
- Quais são para si as vantagens e desvantagens do e-book sobre o livro impresso?
- Se atendermos aos acontecimentos, ocorridos no final da Idade Média, fruto do surgimento da Imprensa, com a proliferação da produção e comercialização de livros, a preços mais acessíveis ao público, assistindo-se assim a uma democratização da leitura; considera que, com o aumento da oferta de e-books, podemos estar perante uma mudança de suporte de leitura de livros?

- Numa era em que o rápido acesso à informação é uma condição cada vez mais essencial para a vida quotidiana das pessoas, tendo em conta a oferta múltipla de dispositivos de leitura digital, como e-readers, tablets, telemóveis, etc., assim como diferentes tipos de texto, sejam eles sms, e-books ou a página pessoal numa qualquer rede social, considera que a proliferação destes produtos vem alterar a forma como as pessoas lêem? Como encara este fenómeno?

- Serão as novas tecnologias da informação um elemento dinamizador da apropriação de novos hábitos de leitura por parte dos seus utilizadores?

- Considera que com este «boom» tecnológico as gerações vindouras irão encarar a leitura de uma perspetiva diferente daquela que temos atualmente?

- Qual é, na sua opinião, o ponto da situação em Portugal? Considera que estão criadas as condições para se falar de um mercado e-book em Portugal? Estão os leitores do nosso país a adotar o e-book, ou, pelo contrário, é ainda o livro impresso o seu formato preferido?

Escritores

- Do seu ponto de vista, enquanto escritor, como encara o surgimento das novas tecnologias, no caso específico o uso de e-books, que novos desafios se colocam à sua actividade e à sua relação com os seus leitores?

- Já alguma vez publicou, ou ponderou publicar, em formato digital? Encara a possibilidade de publicar nesse formato futuramente? E porquê?

- Do seu ponto de vista, poderá o e-book vir a constituir uma ferramenta na conquista de novos leitores para a sua obra?

Editores

- Numa era em que o e-book vem ganhando terreno face ao livro impresso, formato esse que facilita as edições de autor, considera que a sua profissão, enquanto editor, poderá vir a desaparecer? Ou pelo contrário, a sua profissão está hoje renovada, englobando novas funções que permitem encarar o futuro com tranquilidade?
- Como se têm preparado as editoras para responder aos novos desafios que enfrenta nesta «era digital»? Qual a situação da sua editora?
- Shatzkin em 2008 afirmava que «o trabalho do editor está a mudar: costumava consistir na decisão sobre o que era publicado. Consiste agora, em grande medida, em antecipar a forma como o conteúdo vai ser descoberto e reutilizado no futuro». Concorda com esta afirmação? Porquê

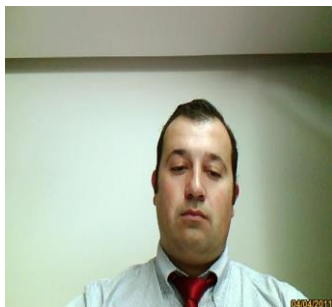
Bibliotecários

- De que forma, em pleno século XXI, um bibliotecário encara a sua profissão, perante o aparecimento de sistemas de leitura digital? Quais os desafios com que se depara atualmente?

- Será a biblioteca digital um modelo para o futuro, tornando obsoletas as bibliotecas tradicionais? Serão hoje as funções do bibliotecário idênticas às de à vinte ou trinta anos atrás, ou estamos perante uma reconfiguração das suas funções?

- De que forma a instituição a que pertence se vem adaptando ao advento do digital?

ANEXO 2 – Curriculum Vitae



CURRICULUM VITAE



INFORMAÇÃO PESSOAL

Nome	CRISTÓVÃO, ANDRÉ FILIPE MOUTINHO
Morada	RUA ALFREDO MARCENEIRO, LT. 61, 2.ºD JARDIM DA AMOREIRA 2620 – 524 RAMADA
Telefone	963 73 08 09 / 933174426
Fax	
Correio electrónico	andre.moutinho@sapo.pt
Nacionalidade	Portuguesa
Data de nascimento	31 / 01 / 1983

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- 26/05/2008 -
 - Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
 - Principais actividades e responsabilidades

AUTOEUROPA

Autovision,
Quinta da Marquesa
2951-510 Quinta do Anjo
Automóvel
Técnico de Qualidade
Realização de testes de pista aos veículos produzidos nesta unidade industrial

2002 - 2007

- Nome e tipo da organização de

Licenciatura Línguas, Literaturas e Culturas - variante Estudos Portugueses e Românicos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ensino ou formação • Principais disciplinas/competências profissionais <ul style="list-style-type: none"> • Designação da qualificação atribuída • Classificação obtida (se aplicável) | <p>Francês, Literatura Francesa, Linguística Francesa, Literatura Portuguesa, Linguística Portuguesa, Cultura Portuguesa, Cultura Francesa, Cultura Clássica, Latim</p> <p>13 valores</p> |
|--|---|

- | | |
|---|---|
| <p>1998 - 2001</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nome e tipo da organização de ensino ou formação • Principais disciplinas/competências profissionais <ul style="list-style-type: none"> • Designação da qualificação atribuída • Classificação obtida (se aplicável) | <p>Ensino Secundário</p> <p>E.B. 2 / 3 S Pedro da Fonseca, Proença-a-Nova</p> <p>Português A, Francês, História, Geografia, IDES, ITI</p> <p>13 valores</p> |
|---|---|

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS

- | | |
|---|---|
| <p>PRIMEIRA LÍNGUA</p> <p>OUTRAS LÍNGUAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão escrita <ul style="list-style-type: none"> • Expressão escrita • Expressão oral • Compreensão escrita <ul style="list-style-type: none"> • Expressão escrita • Expressão oral • Compreensão escrita <ul style="list-style-type: none"> • Expressão escrita • Expressão oral | <p>PORTUGUÊS</p> <p>FRANCÊS</p> <p>EXCELENTE</p> <p>BOM</p> <p>BOM</p> <p>INGLÊS</p> <p>Médio</p> <p>Médio</p> <p>Médio</p> <p>LATIM</p> <p>Bom</p> <p>Elementar</p> <p>Elementar</p> |
|---|---|

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS SOCIAIS

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS DE

Facilidade e gosto pela comunicação com outras pessoas; gosto pelo trabalho em equipa, dinâmica e bom relacionamento no seio de um grupo de trabalho desenvolvidos através da experiência como membro de uma comissão de Festas.

Alguma experiência na organização de eventos festivos e culturais através dos projectos

ORGANIZAÇÃO	desenvolvidos através da Comissão de Festas a que pertenço.
APTIDÕES E COMPETÊNCIAS TÉCNICAS	BONS CONHECIMENTOS DE INFORMÁTICA NA ÓPTICA DO UTILIZADOR, NOMEADAMENTE: - MICROSOFT WORD - EXEL - POWER POINT - ACCESS - PUBLISHER
OUTRAS APTIDÕES E COMPETÊNCIAS	GOSTO PELA LEITURA E PELA MÚSICA GOSTO POR DESPORTO, NOMEADAMENTE: - FUTEBOL - BTT
CARTA(S) DE CONDUÇÃO	Categoria B
INFORMAÇÃO ADICIONAL	
ANEXOS	[Enumere os anexos ao CV se aplicável.]